

BÁRBARA ANDRADE DE SOUSA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

O TRADUTOR NO CAMPO DE CENTEIO:
uma análise da tradução da variedade linguística em
***The Catcher in the Rye*, de J. D. Salinger**

JUIZ DE FORA

2016

BÁRBARA ANDRADE DE SOUSA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

**O TRADUTOR NO CAMPO DE CENTEIO:
uma análise da tradução da variedade linguística em
The Catcher in the Rye, de J. D. Salinger**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras
Estrangeiras Modernas da Faculdade de
Letras da Universidade Federal de Juiz Fora
como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Letras-Tradução.

Orientadora: Profa. Pós-Dra. Patrícia Fabiane
Amaral da Cunha Lacerda

JUIZ DE FORA

2016

BÁRBARA ANDRADE DE SOUSA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

O TRADUTOR NO CAMPO DE CENTEIO:
uma análise da tradução da variedade linguística em
***The Catcher in the Rye*, de J. D. Salinger**

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Pós- Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dra. Carolina Alves Magaldi
Universidade Federal de Juiz de Fora

Data da defesa:

Nota: _____

JUIZ DE FORA

2016

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais,

Pelo amor e apoio incondicionais.

A minha irmã,

Por todo o incentivo e por acreditar em mim.

A minha orientadora Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda,

Pela sua incansável dedicação, pelos ensinamentos, pela compreensão e por me ajudar a crescer.

Ao tradutor Jório Dauster,

Por sua gentileza e disponibilidade e pela contribuição para a realização deste trabalho.

A Professora Ana Cláudia Peters Salgado,

Por ser minha fonte de inspiração durante a graduação e pela enorme contribuição para a minha formação acadêmica, profissional e humana.

A colega da turma do Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução– Inglês, Mariana Melo,

Por me ajudar com a sua criatividade e originalidade.

Ao meu namorado Felipe,

Pelo amor, pelo carinho, pelo cuidado, pelo companheirismo e por me apoiar em todos os momentos.

A minha amiga Mayara Peixoto,

Pela sua sabedoria e por estar sempre ao meu lado.

“Anyway, I keep picturing all these little kids playing some game in this big field of rye and all. Thousands of little kids, and nobody's around - nobody big, I mean - except me. And I'm standing on the edge of some crazy cliff. What I have to do, I have to catch everybody if they start to go over the cliff - I mean if they're running and they don't look where they're going I have to come out from somewhere and catch them. That's all I do all day. I'd just be the catcher in the rye and all. I know it's crazy, but that's the only thing I'd really like to be.”

J.D. Salinger, *The Catcher in the Rye*

RESUMO

O objetivo deste trabalho consiste em analisar as escolhas tradutórias presentes na tradução para o português brasileiro da obra *The Catcher in the Rye*, de J. D. Salinger, à luz da Sociolinguística Variacionista. Acredita-se que os pressupostos dessa abordagem podem contribuir para a análise, na qual se pretende observar os aspectos linguísticos relacionados aos contextos que envolvem a língua de partida e a língua de chegada. Ao se considerar a variedade linguística utilizada no romance original, é possível observar que tal uso da linguagem não poderia ser ignorado no momento da tradução, visto que se configura como uma marca da identidade da obra.

Assim, propõe-se contrastar as escolhas tradutórias de marcas de oralidade, tais como processos de redução fônica, palavras de baixo calão e expressões coloquiais, a partir das diferenças sócio-culturais que envolvem o contexto de produção do original e de sua tradução. Busca-se, desse modo, mostrar de que maneira a Sociolinguística Variacionista pode contribuir para os Estudos da Tradução. Nesse sentido, propõe-se traçar um panorama dos Estudos da Tradução e das principais abordagens teóricas que caracterizam a disciplina, com enfoque na chamada “virada cultural”, em que começam a ser considerados aspectos extratextuais no processo tradutório, e, portanto, a tradução passa a ser pensada a partir de fatores histórico-culturais.

A fim de cumprir os objetivos propostos, este trabalho se baseia na metodologia qualitativa (RAMOS & BUSNELLO, 2005), a qual se estabelece, na análise realizada, a partir da seleção de trechos representativos da linguagem presente na obra original e na tradução realizada no Brasil.

Verifica-se que as características analisadas na linguagem presente no original, de modo geral, são mantidas na tradução, o que faz com que não se perca o caráter informal e juvenil da obra, que é narrada por um adolescente. A tradução brasileira, conforme será demonstrado, procura transmitir, na língua-alvo, a característica da fala do narrador ao buscar variantes linguísticas que transmitiriam tais marcas ao leitor, preservando seu caráter irreverente e sua identidade.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Sociolinguística Variacionista e tradução. Marcas de oralidade. *The Catcher in the Rye*.

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze the translational choices present in the translation into Brazilian Portuguese of the work *The Catcher in the Rye*, JD Salinger, in the light of Variationist Sociolinguistics. It is believed that the assumptions of this approach can contribute to the analysis, which is intended to observe the linguistic aspects related to contexts involving the source language and the target language. When considering the linguistic variety used in the original novel, one can observe that such use of language could not be ignored at the time of translation, since it is established as a mark of identity of the work.

Thus, it is proposed to contrast the translational choices of orality marks, such as phonic reduction processes, vulgar language and colloquialisms, from the socio-cultural differences involving the original text and translation production contexts. The aim is to thus show how Variationist Sociolinguistics can contribute to Translation Studies. In this sense, it is proposed to give an overview of Translation Studies and the main theoretical approaches that characterize the discipline, focusing on the so-called "cultural turn", when they begin to consider extratextual aspects of the translation process, and therefore the translation happens to be considered from historical and cultural factors.

In order to meet the proposed aims, this work is based on qualitative methodology (Ramos & Busnello, 2005), which is established in the analysis, from the selection of representative portions of the language from the original work and the translation held in Brazil.

It appears that the characteristics analyzed in the language from the original, in general, are kept in the translation, which results in not missing the informal and youthful character of the work, which is narrated by a teenager. The Brazilian translation, as will be shown, seeks to convey, in the target language, the characteristic speech of the narrator as it seeks for linguistic variants use to convey such marks to the reader, preserving its irreverent character and identity.

Key-words: Translation studies. Variationist Sociolinguistics and translation. Orality marks. *The Catcher in the Rye*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - <i>The Catcher in the Rye</i> e <i>O Apanhador no Campo de Centeio</i> : uma caracterização da obra e da tradução	13
1.1. <i>The Catcher in the Rye</i> e seu contexto de produção	13
1.2. <i>O Apanhador no Campo de Centeio</i> e o contexto da tradução.....	18
1.3. Conclusões.....	23
CAPÍTULO II - Estudos da Tradução e Sociolinguística Variacionista: um breve panorama das principais abordagens teóricas.....	24
2.1. Os Estudos da Tradução e a perspectiva cultural da tradução	25
2.2. A Sociolinguística Variacionista e o valor social da língua	30
2.3. Estudos da Tradução e Sociolinguística Variacionista: uma relação possível	33
2.4. Conclusões.....	36
CAPÍTULO III – A tradução da variedade linguística em <i>The Catcher in the Rye</i>	37
3.1. Procedimentos e critérios de análise	38
3.2. Análise da tradução da variedade linguística em <i>The Catcher in the Rye</i>	42
3.3. Conclusões.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
ANEXO – Entrevista com Jório Dauster, tradutor de <i>The Catcher in the Rye</i>	69

INTRODUÇÃO

The Catcher in the Rye é um romance do escritor americano J. D. Salinger, publicado inicialmente em formato de revista, entre 1945 e 1946, nos Estados Unidos e posteriormente editado no formato de livro em 1951, sendo considerado um dos romances mais lidos no país. Tornou-se popular entre jovens leitores por lidar com temas tipicamente adolescentes. A obra foi bastante censurada nos Estados Unidos e em outros países na época de sua publicação, devido às referências sexuais e ao uso de certas palavras e expressões que foram consideradas recursos linguísticos ofensivos, sendo motivo de rejeição por parte da parcela conservadora da sociedade americana.

Até os dias atuais, cerca de 250.000 cópias são vendidas todo ano, com um total de vendas de mais de 65 milhões de exemplares. O livro foi incluído na lista dos 100 melhores romances em língua inglesa escritos desde 1923 pela revista Times, em 2005, e foi nomeado pela Modern Library – uma das editoras mais importantes do início dos anos 1920 – e por seus leitores como uma das 100 melhores obras em língua inglesa do século XX.

Na língua portuguesa, foram publicadas três diferentes traduções: uma no Brasil, com o título *O Apanhador no Campo de Centeio*, realizada pelos diplomatas Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster, e duas em Portugal: *Agulha no Palheiro*, traduzida por João Palma Ferreira, e *À Espera no Centeio*, em 2005, realizada por José Lima. Neste trabalho, propõe-se analisar a tradução brasileira intitulada *O Apanhador no Campo de Centeio*.

Ao considerar o uso de linguagem coloquial, com a presença de palavras de baixo calão e o uso das chamadas four-letter-words¹ – próprias do vocabulário juvenil presente no romance original –, é possível observar que tal uso da linguagem não poderia ser ignorado no momento da tradução, visto que se configura como uma marca da identidade da obra.

¹ De acordo com definição do dicionário Oxford, o conceito é definido da seguinte maneira: “Qualquer uma das várias palavras curtas referentes a funções sexuais ou excretoras, consideradas como grosseiras ou ofensivas” (tradução nossa). Disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com>. Acesso em 09 de jan. de 2016. Já de acordo com o dicionário Cambridge: “[...] uma palavra curta que é considerada extremamente rude e ofensiva” (tradução nossa). Disponível em: <http://dictionary.cambridge.org>. Acesso em 09 de jan. de 2016.

O que guia a escolha dessa tradução e instiga a análise é o fato de as escolhas tradutórias, no que se refere à linguagem ali presente e às marcas de oralidade de modo geral, demonstrarem uma consideração de aspectos culturais importantes para a identidade do livro. Verifica-se, nesse sentido, que características da língua-fonte que são representativas de palavras de baixo calão e de marcas de oralidade, de modo geral, são mantidas na tradução, o que faz com que não se perca o caráter informal e juvenil da obra, que é narrada por um adolescente. Neste trabalho, busca-se, portanto, explicar esse posicionamento pelo contexto sócio-cultural da tradução, considerando-se a língua como sendo indissociável da cultura. A tradução brasileira, conforme será demonstrado, procura transmitir na língua-alvo a linguagem adolescente e informal característica do narrador ao buscar variantes linguísticas² que transmitiriam tais marcas ao leitor, preservando seu caráter irreverente, sua identidade.

Assim, pretende-se considerar a língua como objeto socialmente constituído e passível de variações e mudanças. Nesse sentido, acredita-se que a Sociolinguística Variacionista pode contribuir com os Estudos da Tradução na medida em que se considera que o tradutor deve ter consciência de que as variedades linguísticas³ – e suas respectivas variantes linguísticas – representam realidades únicas, o que significa que os textos envolvidos no processo tradutório apresentarão sempre marcas linguísticas e culturais – uma vez que se considere língua e cultura indissociáveis. Desse modo, acredita-se que os pressupostos da Sociolinguística Variacionista contribuirão para a análise proposta neste trabalho, no qual se pretende observar os aspectos linguísticos relacionados aos contextos que envolvem a língua de partida e a língua de chegada.

A Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2009 [1972]) parte do pressuposto de que há uma relação indissociável entre língua e sociedade, considerando a língua como uma realidade variável e um sistema heterogêneo.

² “[...] as variantes compreendem as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, que, tecnicamente, é denominado variável dependente. Uma variável é concebida como dependente no sentido de que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou linguística” (MOLLICA & BRAGA, 2003, p. 11)

³ As variedades linguísticas representam as variações da língua de acordo com condições sociais, culturais, regionais e históricas.

Existem variedades linguísticas, e cada uma é marcada social e historicamente. Considera-se, dessa forma, que essa área dos estudos linguísticos pode contribuir para a análise da tradução neste trabalho, tendo em vista seus caracteres tão distintos. Pretende-se, portanto, verificar fragmentos selecionados no original e suas respectivas traduções, buscando explicitar as influências sócio-culturais que as permeiam.

Assim sendo, tem-se como objetivo, neste trabalho, analisar as escolhas tradutórias presentes na tradução para o português brasileiro de *The Catcher in the Rye*, de J. D. Salinger, à luz da Sociolinguística Variacionista. Para tanto, pretende-se analisar as escolhas tradutórias de marcas de oralidade, palavras de baixo calão e expressões coloquiais presentes da obra, a partir das diferenças sócio-culturais entre o contexto de produção do original e da tradução, mostrando a contribuição da Sociolinguística Variacionista para os Estudos da Tradução.

A metodologia de trabalho envolverá uma definição do objeto de estudo, através de uma seleção de ocorrências de processos de redução fônica, palavras de baixo calão e expressões coloquiais na linguagem da obra original e, através de uma abordagem qualitativa, uma análise do tratamento dado a essa linguagem na tradução.

Assim, espera-se demonstrar que, além dos aspectos puramente linguísticos, os aspectos culturais também devem ser considerados como parte do processo tradutório, pois não apenas as línguas envolvidas devem ser objeto da atenção do tradutor, mas também diferentes variedades que subjazem a elas, representando realidades únicas e transmitindo diferentes valores sociais. Desse modo, este trabalho pretende demonstrar que o profissional de tradução deve ser considerado um intermediador de culturas, além de comprovar a contribuição da Sociolinguística Variacionista para os estudos da área da tradução.

A fim de cumprir os objetos propostos, no primeiro capítulo, busca-se realizar uma caracterização da obra e de sua tradução, incluindo uma contextualização sócio-histórica de ambas e uma revisão teórica de trabalhos já realizados acerca do tema. No segundo capítulo, será traçado um breve histórico dos Estudos da Tradução e das principais contribuições da

Sociolinguística Variacionista, destacando as possíveis relações que podem ser estabelecidas entre essas áreas e realizando uma revisão teórica de estudos já produzidos acerca dessas relações. No terceiro capítulo, será realizada a análise de trechos da obra original e de suas respectivas traduções, seguindo a proposta deste trabalho. Por fim, serão apresentadas as considerações finais.

CAPÍTULO I

THE CATCHER IN THE RYE E O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO: UMA CARACTERIZAÇÃO DA OBRA E DA TRADUÇÃO

*Enquanto alguns críticos classificam o autor de *The Catcher* como 'a Greta Garbo da Literatura' (ver Caio F. de Abreu, 1988), outros o chamam de 'escritor conhecido e homem misterioso' (SEBSON, 1973 apud GIANI, 1992, p.50).*

Neste capítulo, pretende-se realizar uma caracterização da obra *The Catcher in the Rye* e de sua respectiva tradução para o português brasileiro, a qual se intitula *O Apanhador no Campo de Centeio*. Para tanto, tal caracterização será dividida em duas seções. Na primeira seção, será traçado um panorama acerca do original e de suas repercussões e também acerca da vida e da obra de seu autor, abarcando o momento histórico e literário em que se situam. Na segunda seção, será realizada uma caracterização da tradução, envolvendo também aspectos relacionados ao contexto sócio-histórico-cultural de produção.

1.1. *The Catcher in the Rye* e seu contexto de produção

Jerome David Salinger foi um escritor norte-americano cuja obra mais conhecida é o romance intitulado *The Catcher in the Rye*, publicado em 1951, nos Estados Unidos, objeto de estudo deste trabalho. O autor nasceu em 01 de janeiro de 1919, em Nova Iorque, e faleceu em 27 de janeiro de 2010, em Cornish, Nova Hampshire, aos 91 anos. Salinger possui uma obra diminuta que consiste em quatro livros. No entanto, essa possui um peso inigualável na cultura e na literatura moderna. Sabe-se, contudo, através dos artigos sobre ele publicados até hoje, que há um grande volume de escritos aos quais nunca se teve acesso e os quais o autor se recusou a publicar.

É também sabido que Salinger era assumido consumidor da cultura popular, tendo incorporado muito do que criticava em sua ficção, como se pode notar claramente na obra a que se dedica este trabalho. Outras obras do

escritor incluem *Nine Stories* (1953), *Franny and Zooey* (1961) e *Raise High the Roof-Beam, Carpenters* (1963) e coletânea de histórias da revista *The New Yorker*. Publicou ainda contos como em *Saturday Evening Post* e outros periódicos. No entanto, após a guerra, não permitiu que nenhuma dessas histórias fosse republicada. Desde sua última história em 1965, manteve-se ausente da cena literária.

Neste trabalho, foi escolhida, como principal fonte de informações sobre o escritor, a biografia *Salinger*, de David Shields & David Salerno. Lançada em janeiro de 2014, juntamente com um documentário de mesmo nome, tem sido considerada, desde então, a biografia mais completa, trazendo, inclusive, detalhes inéditos sobre a vida pessoal do autor. Biografias anteriores e artigos sobre o autor tendem a trazer uma coleção de informações mais superficiais e imprecisas, republicadas repetidamente por décadas.

O autor passou mais de dez anos escrevendo a obra *The Catcher in the Rye*, cujo protagonista é um adolescente de 16 anos. No decorrer da guerra e durante sua internação no pós-guerra, Salinger tinha os seis primeiros capítulos da obra que redefiniu os Estados Unidos desse período, sendo a obra considerada um romance de formação⁴ e podendo, muitas vezes, ser também compreendida como um romance de guerra. Com relação ao fato de o protagonista de sua mais famosa obra ser um adolescente, Salinger afirma o seguinte: “[...] Quase sempre escrevo sobre gente muito jovem” (SALERNO & SHIELDS, 2014, s/p).

Diversos autores têm apontado semelhanças entre o autor e Holden, personagem principal da obra. Entre as características identificadas, pode ser citada a questão do isolamento e a crítica à hipocrisia da sociedade⁵, bem como os seus ímpetos de mudar ou “salvar” o mundo e torná-lo mais consciente e humano:

Como indica grande parte das leituras feitas de *The Catcher in the Rye*, o personagem principal, Holden Caulfield, funciona como o alter

⁴ O chamado *Bildungsroman* é definido como romance que trata da formação do indivíduo na sociedade a que pertence. Segundo MAAS (2000, p. 19): “[...] ‘representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um grau de perfectibilidade’. Uma tal representação deverá promover também ‘a formação do leitor, de uma maneira mais ampla do que qualquer outro tipo de romance’.

⁵ Sobre questões mais específicas acerca do caráter da personagem, ver os seguintes trabalhos: Giani (1992) e Frota & Silva (2012).

ego de Salinger (...), apresentando as mesmas características de isolamento, indiferença e outras similaridades às de seu redor. (GIANI, 1992, p. 40)

Para demonstrar um pouco dos posicionamentos do autor e sua relação com sua obra mais marcante, vejamos o que afirma Slawenski (2001, p. 205 *apud* FROTA & SILVA, 2012, p.277):

Em vez de aceitar as resenhas positivas e continuar desprezando as negativas, Salinger atacava todas elas. Achava-as pedantes e pretensiosas. Nenhuma, dizia ele, expressava como a novela [na tradução, Luis Reyes Gil refere-se ao “romance” de Salinger como “novela”] fazia o leitor se sentir de fato, e condenava até as resenhas mais apaixonadas por analisarem o Apanhador num nível intelectual, despojando desse modo a novela de sua intrínseca beleza. Assim, embora a opinião crítica com certeza tivesse muita importância para Salinger, ele não condenava os críticos por atacarem-no pessoalmente, e sim por sua incapacidade de sentir a experiência de O apanhador no campo de centeio. E por esse pecado hipotecava-lhes seu eterno desdém.

The Catcher in the Rye tornou-se popular entre jovens leitores por lidar com temas tipicamente adolescentes como confusão, angústia, alienação, linguagem e rebeldia. Uma das principais características que marcam sua identidade é, conforme foi sinalizado, o uso de linguagem coloquial, de palavras de baixo calão e de certas palavras e expressões próprias do vocabulário juvenil. O romance foi bastante censurado nos Estados Unidos e em outros países por sua linguagem peculiar e por retratar a sexualidade e os dilemas adolescentes. Também lida com questões complexas de identidade, pertencimento e alienação, como aponta Giani (1992, p. 3):

O romance *The Catcher in the Rye*, (...) ocupa, entre outros, um lugar de destaque dentro da literatura norte-americana, sendo citado diversas vezes por reproduzir, na linguagem escrita, a fala autêntica dos adolescentes da década de 50. Apesar de seu autor, J.D. Salinger, ter declarado que “He would never think of using what people actually say for dialogue in his novels” (citado por Page, p.4), seu romance é constituído de diálogos e coloquialismos que retratam o comportamento arredio e contestador do personagem principal, Holden Caulfield, identificado com uma grande parte dos jovens dos anos 50.

A obra é reverenciada por milhões de pessoas, tendo influenciado diversos escritores e cineastas. Além disso, já vendeu mais de 65 milhões de

exemplares, continuando a vender mais de meio milhão por ano, sendo um livro considerado impactante para diversas gerações e ainda um marco para a adolescência norte-americana. Sua primeira edição foi publicada em 16 de julho de 1951, pela editora Little, Brown & Company, tendo sido, desde então, traduzido em quase todos os principais idiomas do mundo.

Little, Brown & Company é uma das editoras mais antigas e notáveis dos Estados Unidos, tendo sido fundada em Boston, em 1837, por Charles Little e James Brown. É reconhecida como uma editora de obras importantes acerca da história, da biografia e de assuntos atuais. Nos dias de hoje, a Little, Brown & Company continua com publicação de ficção e não-ficção e, entre seus romancistas mais vendidos, pode-se destacar J. D. Salinger.

O romance de Salinger se tornou rapidamente um *best-seller* nos Estados Unidos. Meses após sua publicação, o livro já havia atingido o quarto lugar na lista dos mais vendidos da revista *Times*, permanecendo nessa posição por sete meses. No entanto, apesar do sucesso, a obra também provocou reações negativas. Isso se deveu principalmente ao uso de uma linguagem coloquial permeada por referências sexuais e ao uso de certas palavras e expressões, especialmente as chamadas *four-letter-words*, que foram interpretados como ofensivos pela parte conservadora da sociedade americana. Além disso, pode-se notar uma crítica aos valores americanos da época, como a hipocrisia e o materialismo presentes no *American Way of Life*⁶. Assim sendo, deu-se a proibição do romance em diversas escolas privadas e públicas, bem como em algumas bibliotecas. A esse respeito, Frota e Silva (2012, p. 278) apontam que:

As críticas a *O Apanhador no Campo de Centeio* foram, nos primeiros cinco anos após sua publicação, todas de rodapé. O romance foi analisado por especialistas e por leigos, em jornais e revistas. Alguns críticos, como o da revista *Time*, elogiavam a obra e seu autor, já conhecido pelos seus contos, escrevendo que o romance só comprovava seu talento. Os julgamentos negativos reprovavam, principalmente, a linguagem de Holden Caulfield, repleta de gírias e palavrões.

Mesmo com todas as críticas, o livro foi bem recebido pelo público jovem. Como afirmam Frota e Silva (2012, p.281), “Holden Caulfield permitiu a

⁶ Expressão referente ao ideal de “estilo de vida” predominante nos EUA nos anos 50 e 60.

inserção de seu criador no sistema literário de seu país quando, anos após sua publicação, mostrou ser de fato o retrato de uma época.”. Nesse sentido, mais do que a representação do adolescente e de seu conflito com o mundo adulto, a personagem *Holden* acabou por expressar as inquietações de toda uma geração:

O comportamento rebelde do personagem, que os censores afirmavam ser um estímulo para a anarquia, expressava mais que as angústias e os caprichos de um adolescente. Toda a nação se sentia impotente diante do novo caminho que seguiam, descrentes dos benefícios da mudança, da ruptura de estruturas que outrora pareciam seguras. (FROTA & SILVA, 2012, p. 279)

O período entre os anos de 1945 e 1965 nos Estados Unidos, que abarca o lançamento de *The Catcher in the Rye*, em 1951, foi marcado por profundas mudanças que afetaram a sociedade e suas relações. Nessa época, houve um grande crescimento da economia e do consumo, o início do movimento dos direitos civis e do movimento feminista, além do crescimento das tensões diplomáticas entre o país e a União Soviética. Esse período é também posterior à Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos começaram a se firmar como uma superpotência no mundo ocidental. Durante esses anos, a classe média americana buscava estabilidade e prosperidade. No entanto, tais ideais não estavam ao alcance de todos, o que foi motivo do surgimento de críticas a esse padrão de vida, já que não era acessível a todas as camadas da população.

No que tange aos aspectos culturais e literários desse período, Frota e Silva (2012, p.270-271) afirmam que:

[...] após a Segunda Guerra Mundial, nasciam novos leitores e novos meios de distribuição de livros que, por isso, passaram a ser comercializados em bancas de jornal, lojas de departamentos e até em locais pouco prováveis, como farmácias e açougues. Logo, os livros de ficção e não ficção passaram a fazer parte dos currículos universitários e escolares. Na década de 1950, eles passaram a ser produzidos em brochuras de qualidade e viraram suplementos de livros didáticos (DESSAUER, 1979: 23). Salinger ficou conhecido neste momento, em que vários programas educativos para a alfabetização eram implantados e mais vagas para o acesso aos cursos universitários eram oferecidas. Fenômeno literário, ele contou com o apoio de muitos leitores da famosa revista *The New Yorker* para o sucesso de *O Apanhador no Campo de Centeio*.

Para Pinsker (1993, p. 6 *apud* Frota e Silva 2012, p.266 e 267), a recepção da obra de Salinger se deu de forma ambígua, através de rejeição e identificação. O autor afirma que:

É compreensível, então, que naquele momento de conformismo geral de tantos, de inconformismo de uns poucos e de reconstrução de uma tradição, o texto de Salinger tenha dividido a opinião pública. De um lado, o generation gap no qual os jovens buscavam “fazer-se ouvir”, descrentes do bom resultado que um comportamento que excluía a autenticidade poderia trazer. De outro, pais e críticos literários preocupados com a influência negativa de um garoto que parecia defender a anarquia. De forma paradoxal, a censura e a aceitação produziram o sucesso de *O apanhador no campo de centeio*. Mas, não apenas isso. Salinger, em um golpe de sorte do destino, começou a publicar seus textos quando milhares de pessoas em seu país foram iniciados na leitura, no convívio familiar, nas escolas, nas universidades, nas bibliotecas públicas.

Para Seiffert (2014), o processo de afirmação de uma nova categoria de idade, a *teenage*⁷, está relacionado ao contexto de prosperidade econômica que os EUA vivenciavam na década de 1950 e, portanto, ligado ao consumo. Para a autora, nesse contexto, uma parte dos *teenagers* reproduz o jeito americano de viver, enquanto outra passa a questionar esse modelo de vida, e um dos primeiros ícones *teen* a questionar esse sistema e a ganhar visibilidade teria sido Holden Caulfield.

Assim, pode-se dizer que a identificação dos leitores com *The Catcher in the Rye*, apesar da crítica que pairava sobre a obra, se dá pelo fato de o livro ter se tornado popular não apenas por lidar com temas tipicamente adolescentes, mas, mais do que isso, por ter se tornado símbolo do questionamento dos valores de sua época.

1.2. O Apanhador no Campo de Centeio e o contexto da tradução

Na língua portuguesa, foram publicadas três traduções distintas da obra *The Catcher in the Rye*: uma no Brasil, com o título de *O Apanhador no Campo*

⁷ “O termo *teenage* é resultado da junção do término das idades de treze a dezenove anos em inglês [...] mais o termo *age*, relativo a período. [...] Segundo a historiadora Luisa Passerini (1996), a década de 1950 no Estados Unidos é marcada pelo reconhecimento legal e social da adolescência”. (SEIFFERT, 2014, p.12)

de *Centeio*, pela Editora do Autor, realizada pelo trio de diplomatas brasileiros Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster, a qual é objeto de estudo deste trabalho; e outras duas em Portugal – *Agulha no Palheiro*, pela editora Livros do Brasil, por João Palma-Ferreira, e *À Espera no Centeio*, publicada pela Editora Difel, em 2005, e traduzida por José Lima.

O Apanhador no Campo de Centeio está na décima nona edição, com 350 mil cópias vendidas no Brasil (COLPO, 2012, p.21). Em 1954, três anos após sua publicação, o original *The Catcher in the Rye* havia sido traduzido na França, em Israel, na Itália, no Japão, na Holanda, na Suécia e na Suíça, tendo sido traduzido para os principais idiomas do mundo.

A publicação de *O Apanhador no Campo de Centeio* foi posterior a um período de rigorosa censura no Brasil, período denominado Era Vargas⁸. O momento da tradução brasileira da obra abarca o pós Segunda Guerra Mundial, período em que o inglês começou a adquirir o status de língua estrangeira mais importante no Brasil⁹. Também, nessa época, houve um processo de modernização sem precedentes no país. E surgiram, na década de 1960, no Brasil, o movimento feminista e também o movimento *hippie*, seguidamente ao seu início nos Estados Unidos. Outros movimentos culturais como a *Tropicália* e a *Bossa Nova* também tiveram início nessa época¹⁰. Essa década foi marcada também pelo início da ditadura em 1964 e por uma grave crise econômica, que terminou com o chamado “milagre econômico”¹¹. A esse respeito, Milton (2002, p.28 *apud* MOURA, 2007, p.13) afirma que havia “[...] controle tanto sobre a produção cultural feita no país quanto sobre a entrada de publicações no Brasil que se mostrassem passíveis de agredir as normas ideológicas do governo”.

Ainda durante esse período, houve uma grande massificação da informação, do consumo e dos padrões de comportamento. Pode-se dizer que

⁸ Período da história entre 1930 e 1945 em que o presidente Getúlio Vargas governou o Brasil.

⁹ “O grande impulso do inglês no Brasil aconteceu na década de 1930 sob o governo de Getúlio Vargas, com as tensões políticas ocasionadas pela Segunda Guerra Mundial. Nessa época, “A língua inglesa era difundida como necessidade estratégica para contrabalançar o prestígio internacional da Alemanha devido à imigração alemã ocorrida no século anterior” Shütz (1999)” (LIMA & QUEVEDO-CAMARGO, 2008, p.3).

¹⁰ Os movimentos musicais citados tiveram seu início no final da década de 1950 no Brasil.

¹¹ Nome dado à época de excepcional crescimento econômico durante o Regime Militar no Brasil.

o surgimento da televisão se configurou como um dos principais agentes de tal processo, visto que esse meio de comunicação inseriu-se em todas as camadas da sociedade, influenciando a perpetuação de costumes.

No que tange ao momento literário e à tradução no Brasil, pode-se dizer que uma considerável parcela da literatura consistia na tradução de obras americanas ou europeias e que a maior parte dessas traduções eram realizadas por autores nacionais já consagrados, que passaram a se dedicar também à tradução e, nesse contexto, eram chamados *autores-tradutores*¹². Considerando o momento em que o Brasil seguia os passos dos acontecimentos nos Estados Unidos, a importância deste país no pós-guerra e a influência cultural exercida no Brasil, Moura (2007, p.12) diz o seguinte:

Milton comenta que “a Editora Globo [...] traduzia quase exclusivamente do inglês, e editoras como a Saraiva e a José Olympio, por exemplo, publicavam cada vez mais traduções do inglês” (2002, p. 13). Além disso, podemos apontar a importância cada vez maior que Hollywood exercia na consciência dos brasileiros como uma grande evidência do interesse nacional em se traduzir os romances e as novelas policiais norte-americanas filmadas e que haviam sido exibidas no nosso país.

Com relação à necessidade de se analisar a tradução nesse contexto no Brasil, Moura (2007, p. 10-11) aponta que:

Assim como a tradução da obra em cada comunidade linguística, *O Apanhador no Campo de Centeio* [...] apresentou particularidades articuladas à nossa literatura, à língua portuguesa falada no Brasil, e, enfim, aos demais aspectos intrínsecos culturais, temporais e lingüísticos que causaram influências no processo e no produto tradutórios. Portanto, é importante abrirmos espaço para uma análise do ambiente literário e tradutório em nosso país na época de publicação da tradução. Questões como a influência americana na tradução feita no Brasil pós-guerra e os aspectos da censura literária e tradutória imposta pela ditadura trazem pontos importantes na elaboração do estudo que pretendemos apresentar mais adiante.

¹² “[...] justamente porque eram autores consagrados, esses autores-tradutores colocavam-se numa posição de igualdade em relação ao autor estrangeiro, dessacralizando o original e apropriando-se dele para fazer alterações muitas vezes gravemente arbitrárias. Comumente os autores-tradutores precisavam traduzir a ‘toque de caixa’ para que o rendimento aumentasse. Assim, não era incomum haver traduções que, mesmo sem problemas com a língua meta, apresentavam problemas de tradução (2006, p. 66)” (ROLIM, 2006, p. 66 *apud* MOURA 2007, p.12)

Em 1965, os diplomatas Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster apresentaram à Editora do Autor sua proposta de tradução da obra *The Catcher in the Rye*, a qual intitularam *O Apanhador no Campo de Centeio*, quatorze anos após a publicação do original nos Estados Unidos. A tradução de *The Catcher in the Rye* foi, então, publicada pela editora no mesmo ano. Vale ressaltar que a Editora do Autor foi fundada em 1960 por Fernando Sabino, Rubem Braga e Walter Acosta. E sua divisão, em 1966, originou a Editora Sabiá. A partir dessa divisão, os direitos de edição de Salinger ficaram com Acosta, e três dos quatro livros de Salinger foram publicados também pela mesma editora.

Em entrevista concedida para a realização deste trabalho¹³, Jório Dauster explica a escolha pela tradução da obra *The Catcher in the Rye*:

Li o *Catcher* em 1957 ao passar um ano nos Estados Unidos e, recém-saído da adolescência, me identifiquei em muitos aspectos, como outros milhões de jovens, pelo personagem principal, Holden Caulfield. Anos depois, já como diplomata, encontrei um velho amigo que cursava o Instituto Rio Branco, Álvaro Alencar, que também se revelou grande admirador do Salinger. A ideia de uma cotradução foi amadurecendo, regada por muitos chopes, até que soubemos que outro diplomata mais antigo do que nós, Antonio Rocha, também pensava em verter a obra. Daí nasceu, num caso raro de amor coletivo, o trabalho a seis mãos por pessoas que jamais tinham traduzido coisa alguma.

No tocante à linguagem utilizada na tradução da obra para o português brasileiro, Dauster afirma que:

Esse foi um problema desde o começo pois de fato o livro está repleto de gírias e expressões populares usadas no dia a dia [sic]. Nosso cuidado consistiu em procurar aquelas que nos pareciam mais sólidas, evitando as modas da hora. Por exemplo, o adjetivo “bacana” já estava bem consolidado e permanece vivo até hoje, mas no fundo terá sido uma questão de sorte porque em meio século a linguagem dá muitas voltas. Outro fator relevante pode ter sido o fato de que eram gírias usadas no Rio de Janeiro, que continuou a ser um centro difusor de cultura, o que dificilmente aconteceria se o texto contivesse alguns regionalismos. (Entrevista com Jório Dauster - ver Anexo)

¹³ Entrevista concedida à autora deste trabalho por Jório Dauster, um dos tradutores da obra *The Catcher in the Rye* (ver Anexo).

Nesse sentido, busca-se, neste trabalho, analisar a linguagem que os tradutores utilizaram e verificar os efeitos das escolhas realizadas. Como a linguagem é um aspecto proeminente na tradução, a seguir, será realizada uma breve revisão teórica de trabalhos já publicados acerca da tradução brasileira da obra.

Existem poucos trabalhos realizados no Brasil dedicados à tradução de *The Catcher in The Rye*. No entanto, os trabalhos existentes apontam para a importância de se observar a linguagem utilizada e sua relação com os contextos de produção, tanto do texto original quanto da tradução.

O trabalho de Giani (1992) propõe uma comparação entre duas traduções da obra para o português – a brasileira, que também é objeto de estudo do presente trabalho, e uma portuguesa, *Uma Agulha no Palheiro* – com o original. Tal comparação é feita a partir de teorias pós-estruturalistas de linguagem, partindo do contraste entre as correntes teóricas logocêntrica e pós-estruturalista. A autora analisa trechos dos três textos para avaliar os efeitos de linguagem usados pela personagem principal do romance, levando em consideração os contextos de produção do original e das traduções.

Moura (2007) aponta, em seu trabalho, a necessidade de uma percepção da ocorrência de mudanças ditadas por uma ideologia política, social e cultural contida no universo da língua de chegada, implicando o surgimento de diferentes normas de tradução. O autor trabalha com o texto original e a tradução brasileira da obra *The Catcher in The Rye*. Segundo ele, seu estudo apresenta uma análise de um comportamento normativo, que “revelou variados graus de padrões de normalização, devidamente identificados e estudados com o intento de avaliar as perdas motivadas por essas mudanças e averiguar se o contexto estilístico foi recuperado no ato tradutório” (MOURA, 2007, s/p).

Seiffert (2014) busca discutir o surgimento da categoria *teenage* nos EUA após a Segunda Guerra e a sua expansão para o mundo a partir das relações entre o livro e o contexto social da época, demonstrando, nesse sentido, como a personagem *Holden* pode ser considerada ícone dessa nova categoria de adolescente.

Já Sousa (2012) aponta a ideia de que a linguagem não poderia ser ignorada no momento da tradução, visto que esta pode ser vista como marca da identidade da obra. A autora propõe a análise de trechos das traduções *O Apanhador no Campo de Centeio* e *Uma Agulha no Palheiro* – que correspondem, respectivamente, à tradução brasileira e a uma das traduções portuguesas existentes – em contraste com trechos do original à luz da discussão do conceito de equivalência tratado por Rodrigues (2000) e do conceito de correspondência proposto por Sobral (2008). A autora também propõe estabelecer uma relação entre os textos estudados e os conceitos de estrangeirização e domesticação, propostos por Venuti (2008 [1995]).

Embora os trabalhos realizados anteriormente acerca de *The Catcher in the Rye* e de suas traduções para a língua portuguesa sinalizem a importância de se analisar a linguagem ali presente e seus contextos extralinguísticos, não há trabalhos que fundamentem tal análise na perspectiva da variação linguística, tendo em vista o uso da linguagem como índice de identidade. Nesse sentido, o presente trabalho propõe uma análise da linguagem através de uma abordagem sociolinguística, demonstrando suas contribuições para a análise tradutória, visando, assim, a contribuir para os estudos já realizados.

1.3. Conclusões

Neste capítulo, buscou-se estabelecer uma caracterização dos contextos sócio-histórico-culturais da obra *The Catcher in the Rye* e de sua tradução *O Apanhador no Campo de Centeio*. Foram demonstrados aspectos relacionados ao momento histórico e literário de produção do original e da tradução, incluindo as repercussões de suas publicações e também informações acerca do autor da obra e dos tradutores. Nesse sentido, procurou-se apresentar um breve panorama do contexto de produção da obra e de sua respectiva tradução no Brasil a fim de fornecer subsídios para a análise que será realizada no Capítulo III deste trabalho, uma vez que a abordagem de aspectos de natureza sócio-histórico-cultural se torna relevante para a compreensão da linguagem presente.

CAPÍTULO II

ESTUDOS DA TRADUÇÃO E SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: UM BREVE PANORAMA DAS PRINCIPAIS ABORDAGENS TEÓRICAS

Qualquer tradução, por mais simples e despreziosa que seja, traz consigo as marcas de sua realização: o tempo, a história, as circunstâncias, os objetivos e a perspectiva de seu realizador. (ARROJO, 1992, p. 78 apud GIANI, 1992, p. 66)

Neste capítulo, busca-se traçar um panorama dos Estudos da Tradução e das principais abordagens teóricas que caracterizam a disciplina, considerando as principais mudanças ao longo do tempo e as contribuições de diferentes áreas para as reflexões relativas ao processo tradutório.

Para a análise proposta neste trabalho, considera-se relevante ressaltar a noção de que os significados são relativos a determinados contextos, devendo ser considerados a partir dos usos linguísticos utilizados nesses contextos. Nesse caso, o contexto pode ser extralinguístico, envolvendo fatores discursivos envolvidos na situação de produção, e linguístico, envolvendo a estrutura aparente do texto – e ambas as perspectivas influenciando o processo tradutório. Considerando essa noção de língua, podemos estendê-la à tradução: visto que o significado não é estável, a significação se estabelece, portanto, no contexto. Assim, a tradução não deve ser entendida como um simples processo de decodificação linguística, e sim como processo contextualizado, gerado por agentes e construído a partir de sua produção e de sua recepção.

Assim sendo, o tradutor produz um novo discurso que se materializará em um novo texto. Por sua vez, o leitor da tradução estará produzindo sentidos no momento da leitura da tradução. Nesse sentido, busca-se aqui considerar o processo comunicativo estabelecido entre o autor, o leitor e o texto de forma situada. Desse modo, acredita-se que tais pressupostos podem contribuir para que a atividade tradutória seja um processo contextualizado, cultural e ideológico.

A fim de discutir as questões aqui levantadas, busca-se uma caracterização das abordagens teóricas que fundamentarão a análise que será realizada no Capítulo III. Para tanto, este capítulo será organizado em três diferentes seções. Na primeira seção, será traçado um panorama acerca dos Estudos da Tradução, enfatizando a virada cultural, que traz perspectivas fundamentais para a realização da análise proposta. Na segunda seção, será realizada uma caracterização da abordagem sociolinguística e de seus pressupostos teóricos fundamentais. Na terceira seção, pretende-se demonstrar algumas contribuições da Sociolinguística Variacionista para os Estudos da Tradução.

2.1. Os Estudos da Tradução e a perspectiva cultural da tradução

Podem ser consideradas recentes as abordagens teóricas sistematizadas e a consolidação dos Estudos da Tradução enquanto disciplina, apesar de a atividade tradutória se fazer muito antiga. Nesse sentido, nesta seção, será apresentado um breve panorama do percurso de estabelecimento dos Estudos da Tradução como disciplina, com enfoque principal na virada cultural.

As discussões acerca da atividade tradutória na década de 1960 traziam a ideia de que as línguas seriam equivalentes entre si, permitindo que se buscassem, a partir desse pressuposto, hipotéticas traduções ideais, com ênfase em aspectos formais, ou seja, traduções que se igualariam ao texto original. Podem-se citar, nesse contexto, autores como Nida (1964), Catford (1980) e Newmark (1981), que visam a prescrever regras para a tradução e, dessa forma, consideram a busca por termos equivalentes fundamental para a realização de uma tradução adequada. Essas mesmas reflexões guiavam também a Oficina Norte-Americana de Tradução, que se estabeleceu nos Estados Unidos na mesma época, porém com foco na equivalência estética entre o texto traduzido e o original. Nesse contexto, a prática tradutória era vista como um processo que visava à reprodução do texto original, ou seja, a

recepção dos textos traduzidos deveria se igualar à recepção dos textos originais.

É possível relacionar os conceitos aqui apresentados à noção de língua característica do Estruturalismo e do Gerativismo Linguístico¹⁴, que era predominante na época e que privilegiava aspectos formais da língua, dissociando-a do contexto histórico-social.

Em contrapartida, a partir da década de 1970, inicia-se um movimento conhecido como “virada cultural”, em que estudiosos da tradução passaram a considerar aspectos extratextuais, incorporando elementos culturais em suas pesquisas e proposições de natureza teórica. Tais posicionamentos passaram a incluir contribuições de campos como a Filosofia, os Estudos Literários, a Linguística e a Antropologia. Assim, a tradução passa a ser entendida como uma atividade que deveria ser pensada a partir de fatores histórico-culturais. Nesse momento, começam a ser estabelecidos instrumentos e metodologias de pesquisa baseados em tais reflexões. E os Estudos da Tradução alcançam, nesse cenário, o *status* de disciplina independente, trazendo inovações ao pensamento sobre tradução e discutindo o conceito de equivalência.

Assim, nesse contexto, a noção de equivalência já se mostrava questionável ao se considerarem os fatores culturais que envolvem o processo tradutório. Como afirma Oliveira (2008, p.102-103):

Na última metade do século XX, as visões linguísticas da equivalência começaram a ser atacadas por estudiosos que viam a tradução a partir de uma perspectiva contextualizada e histórica e se dedicavam principalmente à análise da tradução literária e à literatura comparada. A chamada abordagem histórico-descritiva deu origem à linha dos Estudos de Tradução, também conhecida como ‘Escola de Manipulação’, e tem como principais autores André Lefevere, James Holmes, José Lambert, Theo Hermans, Susan Bassnett, Gideon Toury e Itamar Even-Zohar.

O surgimento da disciplina Estudos da Tradução tem seu marco com a publicação do texto de Holmes (1972), que propõe a discussão de questões

¹⁴ “Compreende-se por linguística estrutural um conjunto de pesquisas que se apóiam numa hipótese segundo a qual é cientificamente legítimo descrever a linguagem como sendo essencialmente uma entidade autônoma de dependências internas ou, numa palavra, uma estrutura” (HJELMSLEV *apud* BENVENISTE, 1976, p. 98 *apud* KENEDY & MARTELOTTA, 2003, p.17). Já o Gerativismo Linguístico constitui “teoria linguística elaborada por Noam Chomsky e pelos linguistas do Massachusetts Institute of Technology a partir do final dos anos 50”. (VERCEZE, 2009, p.93)

relacionadas diretamente ao processo tradutório e o estabelecimento dos Estudos da Tradução como disciplina independente. Para o autor, havia questões que dificultavam o estabelecimento da disciplina, as quais configurariam a inexistência de canais de comunicação apropriados, a ausência de um nome amplamente aceito para a disciplina e a falta de um consenso geral acerca dos objetivos e da estrutura da disciplina. E, nesse contexto de estabelecimento de um nome para designar a disciplina, Holmes (2000 [1972], p. 176), baseando-se no estudo de Koller (1971) afirma que “o termo ‘Estudos da Tradução’ deve ser entendido como uma designação coletiva e inclusiva para todas as atividades de pesquisa que tomam o fenômeno do traduzir e da tradução como base ou foco”.

Nesse sentido, os objetivos principais da disciplina seriam descrever os fenômenos da tradução como se manifestam no mundo e estabelecer princípios gerais que permitam explicar tais fenômenos. Não se procuraria, portanto, descrever a tradução em si, mas sim suas funções no contexto social em que se insere.

No mesmo ano da publicação da obra de Holmes, Even-Zohar (2000 [1972]) propôs uma análise dos sistemas literários de forma contextualizada, relacionando-os com outros sistemas presentes na sociedade, a qual nomeia Teoria dos Polissistemas. O autor retoma a visão da literatura como sistema, desenvolvida pelos formalistas russos¹⁵. Nesse contexto, o polissistema seria uma estrutura aberta e heterogênea, composta de diversas redes de relações entre diferentes sistemas. A literatura, portanto, seria considerada um polissistema inserido nos polissistemas cultural e social, que se influenciariam mutuamente. Assim, seria possível analisar o lugar que ocupa a literatura traduzida no polissistema literário. Para Even-Zohar (2000 [1972]), os sistemas que formam o polissistema não estão em posição de igualdade, e sim posicionados hierarquicamente. Assim sendo, a literatura traduzida poderia ocupar uma posição central no polissistema literário ao influenciar os cânones de determinada cultura. No entanto, esse sistema também poderia ocupar uma posição mais periférica, dependendo do contexto de uma determinada cultura.

¹⁵ Para os formalistas russos, “a crítica deve preocupar-se exclusivamente com a obra literária, e afastar o enfoque psicológico, filosófico ou sociológico, limitando-se a descrever a arquitetura do texto em termos técnicos, segundo um método imanente”. (MOISÉS, 2004 [1928], p.106)

Em 1992, Lefevere propôs o conceito de reescritura, levando em consideração a interferência do tradutor no texto traduzido, visto que este também se insere em determinado contexto histórico-social. O processo de reescrita produziria, assim, um novo texto a partir de outro já existente, construindo a imagem de um autor e/ou de uma obra literária. Em sua obra *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame*, o autor afirma que “a Tradução é, certamente, uma reescritura de um texto original” (LEFEVERE, 1992, p. 11). Como afirma o autor, o tradutor não seria responsável por escrever a literatura, mas sim responsável por reescrevê-la. Nesse sentido, as intervenções apresentadas no texto original acabariam sendo delineadas pela ideologia que guia o tradutor no momento da tradução e, desse modo, o tradutor agiria como autor, visto que interfere diretamente no texto, a partir de suas escolhas no momento da tradução.

É possível considerar que essa mudança de perspectiva na área da tradução acompanha aquela trazida pelo Funcionalismo Linguístico¹⁶, que passa a considerar os usos e as variações da língua em diferentes contextos. A partir dessa mudança dos paradigmas de conhecimento científico, passam a ser consideradas as relações entre língua e contexto e seus usos nas mais variadas situações de interação social. Como essa questão configura a proposta deste trabalho, ela será aprofundada na seção 2.3.

Em 1995, Venuti formalizou a discussão proposta por Schleiermacher, em 1813, na conferência *Sobre os diferentes métodos de tradução*, na qual introduz a ideia de dois métodos: o da aproximação ou do afastamento do leitor da tradução em relação ao autor do original. Venuti (2008 [1995]), então, cunhou os termos domesticação e estrangeirização, que consistem, respectivamente, no apagamento ou manutenção das diferenças linguístico-culturais do texto de partida para o texto de chegada, contribuindo, desse modo, para a invisibilidade ou visibilidade do tradutor.

Venuti (2002 [1998]) trata também da questão da ética relacionada à tradução, propondo os conceitos de ética da igualdade e ética da diferença. A

¹⁶ “O termo funcionalismo ganhou força nos Estados Unidos a partir da década de 1970, passando a servir de rótulo para o trabalho de linguistas como Paul Hopper, Sandra Thompson e Talmy Givón, que passaram a advogar uma lingüística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto lingüístico e da situação extralingüística” (KENEDY & MARTELOTTA, 2003, p.22).

ética da igualdade se refere à prática da tradução que privilegia a língua e a cultura-alvo. Essa prática consiste no apagamento dos elementos da cultura de partida, incluindo características próprias da cultura de chegada com o objetivo de tornar o texto traduzido mais fluente para o leitor. Diferentemente, ao partir da ética da diferença, a tradução poderia atuar para a resistência ao apagamento de diferenças culturais, podendo ser usada de forma a revelar essa prática e a desafiar atitudes hegemônicas relacionadas à cultura e à sociedade, influenciando, assim, o processo de formação de identidades.

Nas últimas décadas, o interesse entre os teóricos e profissionais da tradução sobre ética tem crescido notavelmente. Considera-se, portanto, de relevância para o trabalho desenvolvido acrescentar a discussão acerca da ética na tradução, uma vez que o conceito de ética tem sido objeto de pesquisa de diversos autores na área dos Estudos da Tradução.

Oliveira (2005) ressalta o que dizem Lawrence Venuti e Antoine Berman sobre a ética para o tradutor, com destaque para a ética da diferença. Como ela pontua, a ética da diferença não anularia as marcas culturais da sua origem, negando, por outro lado, a noção de superioridade de um texto sobre outro ou de uma cultura sobre outra.

A esse respeito, Berman (1995) considera que o tradutor, ao manipular o texto, não deve ser considerado antiético, sendo a ética da igualdade nem mais nem menos ética do que a da diferença. Assim sendo, a ética na tradução, quando colocada em uma perspectiva mais ampla, que não apenas a literária, poderia ser uma ética da diferença e da igualdade de forma simultânea. Para Oliveira (2005, p. 7):

[...] o tradutor é agente importante no contexto cultural da comunidade em que se insere, de tal forma que, através do projeto por construído – individual ou coletivamente – ele pode contribuir para a manutenção ou a alteração da identidade cultural desse contexto, pautando sua prática em uma ética da igualdade ou da diferença.

Assim sendo, a autora afirma que:

[...] a construção de uma ética da tradução é condicionada por fatores de ordens espacial e temporal, de tal forma que a identidade cultural que surge ou que se perpetua a partir da utilização de procedimentos que caracterizem, respectivamente, um projeto ético de diferença ou de

igualdade seria, nas palavras de Venuti, “crítica e contingente a um só tempo” (p. 160). (OLIVEIRA, 2005, p.2)

Nesse sentido, propõe-se uma ética do tradutor, que, considerando as complexidades que envolvem o processo tradutório, faça suas escolhas estando consciente das peculiaridades das línguas com as quais lida na tradução e das realidades únicas em que estão inseridas, não descartando seus aspectos sócio-histórico-culturais e seus posicionamentos perante essas questões.

2.2. A Sociolinguística Variacionista e o valor social da língua

Como descrito ao longo deste trabalho, a linguagem presente na obra estudada apresenta proximidade com a linguagem oral. Para analisar tal linguagem, partimos do pressuposto de que a língua é heterogênea e diversificada. Acredita-se, nesse sentido, serem os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista de relevância para a análise realizada no Capítulo III.

A Sociolinguística Variacionista tem início, em 1968, com a publicação da obra “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística” (Empirical Foundations for Theory of Language Change), de Weinreich, Labov e Herzog, cujo objeto de estudo é a relação sistemática entre língua e sociedade. Os fatores determinantes para condicionar a variação e a mudança em uma língua podem ser linguísticos e extralinguísticos¹⁷.

Para Tarallo (1997), a relação entre língua e sociedade se deve ao fato de sermos cercados de signos linguísticos e possibilidades diversas de comunicação. Assim sendo, a língua pode ser considerada um fator de identidade de grupos sociais. Nesse sentido, a atitude linguística de determinado grupo pode se tornar uma marca, definindo a identidade cultural e o perfil dos falantes.

¹⁷ Os fatores linguísticos são aqueles relacionados à estrutura linguística utilizada, aos enunciados. Os fatores extralinguísticos envolvem fatores externos à língua, isto é, o contexto sócio-histórico-social que a envolve.

Faz-se relevante aqui definir os conceitos de variação e mudança. Como ressalta Cunha Lacerda (2010), as mudanças linguísticas não acontecem da mesma forma que as variações. As mudanças se dão por um processo lento e gradual, visto que uma variante pode persistir por anos em uma dada língua e não originar uma mudança. Pode-se afirmar, portanto, que nem toda variação conduz a uma mudança, mas toda mudança implica uma prévia variação. Segundo Labov (2009 [1972]), a variação existe em todas as línguas naturais humanas, sendo inerente ao sistema linguístico e ocorrendo na fala de uma comunidade e, inclusive, na fala de uma mesma pessoa.

Para Tarallo (1997, p. 08), "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*". Para Mollica (2003, p. 10), "toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível".

Nesse sentido, como mostraremos mais pontualmente no Capítulo III, os processos de variação linguística estão diretamente relacionados à construção e à representação da identidade dos falantes, uma vez que o uso de uma variedade linguística identifica as características de um falante e de uma comunidade linguística, considerando-se fatores como idade, sexo, profissão, região, classe social etc.

De acordo com Coseriu (1980), a variação linguística pode se dar a partir de quatro tipos, a saber: a) variação diacrônica, processo que se estabelece no decurso do tempo; b) variação diatópica, que diz respeito às diferenças entre os falares/dialetos de diferentes regiões; c) variação diastrática, que se refere às diferenças presentes na variedade de diversos grupos sociais, que podem se constituir a partir de diferentes fatores sociais, como classe, escolaridade, sexo, idade etc; e d) variação diafásica, que se relaciona às diferenças na fala de um mesmo indivíduo de acordo com a situação comunicativa e com o grau de formalidade.

Quando se aborda a questão da variação linguística, vale ressaltar que as variedades não-padrão¹⁸ não são vistas, na abordagem sociolinguística, como erro. Uma variedade tida como padrão não difere originalmente, em valor, daquelas tidas como não-padrão, sendo todas consideradas sistemáticas. Na verdade, qualquer juízo de valor que se faça em relação a qualquer variedade linguística estará pautado em aspectos políticos, econômicos e culturais.

Assim, a Sociolinguística Variacionista parte do pressuposto de que há uma relação indissociável entre língua e sociedade, considerando a língua como uma realidade variável e um sistema heterogêneo. Nesse sentido, faz-se necessário considerar tais aspectos para a análise aqui proposta ao se ressaltarem as características da linguagem presente na obra *The Catcher in the Rye*. Como ratifica Pretti (1983 *apud* CARVALHAL *et al.*, 1991, p. 13):

[...] a luz da Sociolinguística não há linguagem certa ou errada, nem boa nem má, nem feia nem bonita, nem sequer existe qualquer critério estético de avaliação, mas apenas *níveis* linguísticos, ou seja, *registros* apropriados às diversas *situações*, dialetos vinculados a grupos sociais de uma comunidade, padrões e subpadrões linguísticos, variações de *norma*, cuja importância esta diretamente ligada às necessidades de fatores que o sociolinguista tenta relacionar com a língua.

Como apontado no capítulo anterior, o socioleto presente em *The Catcher in the Rye* representa o inglês falado pelos jovens nos EUA da época e, por esse motivo, houve – já no contexto de sua publicação – julgamento social acerca dos recursos linguísticos presentes na obra. Assim, ao considerar que existem variedades linguísticas e que cada uma é marcada social e historicamente, refletindo a identidade de seus falantes, faz-se necessário discutir a presença dessas variedades no processo tradutório e abordar o tratamento dado a elas no momento da tradução.

¹⁸ As variedades padrão baseiam-se no “modo de falar e escrever” dos grupos de maior prestígio cultural, político e econômico. As variedades não-padrão são empregadas em situações mais informais do cotidiano.

2.3. Estudos da Tradução e Sociolinguística Variacionista: uma relação possível

As rediscussões ocorridas nos Estudos da Tradução podem ser relacionadas à mudança da noção de língua e de suas relações com a realidade sócio-histórico-cultural, como apontado nas seções anteriores. Passando o tradutor a ser considerado como central no processo tradutório, cabe ressaltar a consciência que esse profissional deve ter acerca das peculiaridades dos sistemas linguísticos envolvidos na tradução e, principalmente, das variantes e variedades que subjazem a elas. Com a virada cultural, a tradução passa a ser vista como prática cultural e discursiva. Até então, predominava a visão tradicional de equivalência entre as línguas envolvidas no processo tradutório.

Como foi dito na seção anterior, o entendimento da heterogeneidade linguística, condicionada pela estrutural social, pode contribuir para a compreensão do processo tradutório.

E, nesse caso, neste trabalho, considera-se relevante para os Estudos da Tradução a ocorrência de processos de variação linguística, visto que a variação está presente em cada um dos sistemas linguísticos envolvidos no processo tradutório. E, nesse contexto, é fundamental considerar também as próprias marcas de identidade trazidas pelo tradutor no momento da tradução, já que os tradutores também possuem dialeto, socioleto e idioleto.

Faz-se relevante destacar que não há muitos trabalhos que tratam das contribuições da Sociolinguística Variacionista para os Estudos da Tradução. Nesse sentido, busca-se, neste trabalho, reforçar a importância de tais contribuições para a consciência do tradutor acerca de todos os aspectos linguísticos e sócio-histórico-culturais envolvidos na tradução, o que torna fundamental o conhecimento sobre conceitos como dialeto e socioleto, variação, variedades linguísticas, identidade linguística etc.

Assim, apresenta-se a questão de como traduzir variantes linguísticas de uma língua para outra que não apresente as mesmas variantes. Conforme estudo realizado por Cunha Lacerda (2010) acerca das contribuições da abordagem sociolinguística para a tradução,

[...] não há lugar, nos Estudos da Tradução, para a noção de equivalência, tal como ela tem sido defendida ao longo do tempo. Entretanto, acreditamos que, a partir dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, é possível ratificar ainda mais a sua fragilidade. (CUNHA LACERDA, 2010, p.11)

Cunha Lacerda (2010) defende, em seu trabalho, que uma recuperação total dos dialetos e socioletos que compõem o texto de partida não seria possível no processo tradutório, já que o tradutor lida com realidades linguístico-culturais diversas. Assim, ainda que o tradutor busque na língua de chegada uma variedade linguística correlata àquela do texto fonte, ele nunca estará refletindo a mesma realidade sócio-histórico-cultural.

Venuti (2002) afirma que, através da tradução, pode ocorrer a representação de identidades culturais, já que a tradução reflete valores políticos e culturais. E, sob essa perspectiva, deve-se considerar que as línguas envolvidas na tradução refletem normas sociais e estão sujeitas a variações interculturais.

Sob essa perspectiva, Cunha Lacerda *et al.* (2011) visam a rediscutir a noção de equivalência linguística a partir dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista. Para tanto, as autoras partem do pressuposto de que a heterogeneidade linguística é um reflexo da heterogeneidade social e que, assim sendo, uma equivalência entre o texto original e o texto traduzido, como um processo de “substituição” linguística, não seria possível. Assim, demonstram que a abordagem sociolinguística pode contribuir substancialmente para a consciência das diversas relações que perpassam as línguas envolvidas no processo tradutório.

A esse respeito, Cunha Lacerda *et al.* (2011, p. 8-9) apontam que

Nesse contexto, o profissional de tradução pode ser considerado, entre outras coisas, um intermediador de culturas. É preciso, em seu trabalho, traduzir textos que representem uma certa realidade sócio-cultural para um interlocutor de uma outra realidade. Assim, são utilizados recursos que não são equivalentes linguísticos, mas sim intercambiáveis no sentido de uma equivalência pragmática – concepção segundo a qual o significado é relativo a contextos determinados, considerando-se, assim, a relação dos signos com seus intérpretes. Para Sobral (2008, p. 76), isso é o que se pode chamar de correspondência, quando “os recursos de criação de sentido de uma língua podem ser recriados por meio de recursos de

outra língua, para produzir efeitos de sentido semelhantes”. Assim, o tradutor deve analisar os aspectos da língua de partida e da língua de chegada, ponderar os fatores sócio-culturais envolvidos e recriar o texto para um novo interlocutor”.

Nesse sentido, considera-se a contribuição da abordagem sociolinguística para os Estudos da Tradução de forma a desconstruir a noção de equivalência entre línguas, considerando a língua como heterogênea e indissociável de cultura. Partindo desse pressuposto, é impossível ignorar as variantes e variedades presentes nas línguas envolvidas na tradução. Por serem marcadas sócio-historicamente, tornam-se índice de identidade de um falante e de uma comunidade de fala, de modo a serem fundamentais na construção da identidade de uma obra em que são representadas. Elas devem ser consideradas no processo tradutório e cabe ao tradutor encontrar caminhos para demonstrar essas diferentes realidades linguísticas e sociais para o leitor na cultura de chegada.

Soares (2012), ao discutir a tradução do *African American Vernacular English (AAVE)*, na obra *Beloved* (1987), de Toni Morrison, também busca demonstrar como o aporte teórico da Sociolinguística Variacionista pode contribuir com os Estudos da Tradução. A autora propõe uma reflexão acerca da importância da conscientização dos profissionais da tradução acerca da compreensão de que trabalho do tradutor envolve não apenas duas línguas distintas, mas também as variedades linguísticas que subjazem a elas, abandonando a ideia de que os significados seriam estáveis. Assim, ao tradutor caberia buscar subsídios na abordagem sociolinguística, já que não seria possível uma equivalência linguística no processo tradutório porque os aspectos sócio-histórico-culturais de uma determinada variedade não poderiam ser totalmente recuperados em outra língua.

Se levarmos em consideração a visão de língua proposta pela Sociolinguística Variacionista, não há espaço para a noção de equivalência na tradução. Se não temos uma visão apenas estrutural da língua e sabemos que as línguas são diferentes e não há socioletos ou dialetos que se igualem, a equivalência proposta por autores como Nida (1964) e Catford (1980) é impossível. A questão se torna ainda mais nítida ao se considerar que o próprio tradutor também detém seu dialeto/socioleto/idioleto e que esses atuarão

igualmente no momento da tradução. Visto que a equivalência não é possível entre as variedades, uma opção para o tradutor seria buscar uma variedade correlata – o que se poderia projetar/pensar a partir do que propõe Sobral (2008) acerca do conceito de correspondência. Segundo o autor, os recursos de criação de sentido de uma língua podem ser recriados por meio de recursos de outra língua para produzir efeitos de sentido semelhantes. Desse modo, o tradutor pode ser considerado como um intermediador de culturas, traduzindo textos que representem uma certa realidade sócio-cultural para um leitor de uma outra realidade, utilizando, assim, recursos que não são equivalentes linguísticos, mas sim intercambiáveis no sentido de uma equivalência pragmática.

Assim, a partir das questões aqui apontadas, acredita-se que o tradutor deve atuar como mediador de culturas. Ao traduzir, lida-se com as variantes e variedades presentes nas comunidades linguísticas que são diversas e devem ser consideradas nesse processo.

2.4. Conclusões

Neste capítulo, buscou-se apresentar um breve panorama histórico acerca dos Estudos da Tradução, focando no movimento conhecido como “virada cultural”, a partir do qual é possível analisar a tradução também através de seus aspectos extratextuais. Considera-se a “virada cultural” relevante para este trabalho, pois, a partir dessa mudança de perspectiva, é possível analisar as marcas de identidade culturais envolvidas no processo tradutório e o tratamento dado a elas no momento da tradução.

Buscou-se também demonstrar, nesse sentido, as contribuições da abordagem sociolinguística para os Estudos da Tradução. As noções propostas pela Sociolinguística Variacionista servem para ratificar que a noção clássica de equivalência não caberia nos Estudos da Tradução e não daria conta da atividade tradutória. Compreendendo a heterogeneidade da língua, assim como a heterogeneidade social, pode-se ter, portanto, uma melhor compreensão do processo tradutório.

CAPÍTULO III

A TRADUÇÃO DA VARIEDADE LINGUÍSTICA EM *THE CATCHER IN THE RYE*

Holden Caulfield permitiu a inserção de seu criador no sistema literário de seu país quando, anos após sua publicação, mostrou ser de fato o retrato de uma época. (FROTA & SILVA, 2012, p. 281)

Neste capítulo, será realizada a análise de trechos da obra *The Catcher in the Rye* e de suas respectivas traduções para o português brasileiro, seguindo a proposta deste trabalho. Propõe-se tal análise ao se considerar que as escolhas tradutórias presentes em *O Apanhador no Campo de Centeio* demonstram, em geral, uma preocupação com aspectos culturais importantes para a identidade do livro no que se refere à linguagem utilizada no original.

Sob essa perspectiva, busca-se demonstrar que é possível verificar que características da língua-fonte que são representativas na linguagem ali presente são mantidas na tradução, o que faz com que não se perca o caráter da obra. Dessa forma, tem-se como objetivo explicar tal posicionamento através da análise do tratamento dado a essas características no momento da tradução. Para tanto, com base no aporte teórico discutido na seção 2.2., presente no Capítulo II, assume-se a concepção de língua como objeto socialmente constituído e passível de variações e mudanças. Acredita-se que, para isso, os pressupostos da Sociolinguística Variacionista contribuirão para cumprir os objetivos deste capítulo ao se observarem os aspectos linguísticos relacionados aos contextos que envolvem a língua de partida e a língua de chegada.

A fim de cumprir os objetivos propostos, o capítulo será dividido em duas seções: na primeira seção, serão definidos os procedimentos de análise; e, na segunda seção, será realizada a análise proposta.

3.1. Procedimentos e critérios de análise

Como discutido nos capítulos anteriores, a tradução como processo de relação e construção de sentidos e de produção de discursos envolve sujeitos diversos: o autor, o tradutor, os leitores e as condições de produção da tradução. Assim, novas relações discursivas são criadas e estabelecidas. Desse modo, o tradutor também é leitor e autor, já que este e o autor do original são sujeitos diferentes com experiências de vida e discursos diferentes.

A fim de contextualizar, de maneira mais adequada, os procedimentos em que se baseará a análise realizada neste capítulo, serão retomadas aqui, de forma breve, as características de Holden Caulfield, protagonista e narrador de *The Catcher in the Rye*, que é retratado como um adolescente de 16 anos, tendo se estabelecido como uma das mais importantes personagens da literatura norte-americana do século XX. A linguagem utilizada pela personagem na narrativa é unanimemente considerada autêntica por estudiosos da obra. Sobre os dilemas por ela apresentados, Bradbury (1991, p. 155-156 *apud* GIANI, 1992, p. 44) afirma que:

The Catcher in the Rye (1951), que se tornou um clássico para estudantes (...) é sobre a exaustiva tentativa de se determinar responsabilidade, de transcender a separação e a diferença, em um mundo de mentira, hipocrisia e tensão. Seu sucesso deveu-se a ter ele dado vida, na forma de um universo moral, ao meio ambiente linguístico e social de um colegial adolescente em Nova York apanhado no momento da inocência pré-social e pré-sexual.

Nesse sentido, a personagem se utiliza de uma linguagem tipicamente adolescente, considerada, por vezes, subversiva, para tratar de suas angústias com relação às questões que enfrenta.

Tendo em vista as peculiaridades da linguagem utilizada por *Holden* na narrativa *The Catcher in The Rye*, cabe colocar a questão, no âmbito da tradução, de como traduzir essa linguagem tão específica e determinante para a identidade da obra sem que se perca tal identidade, considerando que não há uma variedade linguística correlata em outras línguas, se partimos do pressuposto de que língua é indissociável de cultura e, portanto, o contexto

cultural brasileiro da produção da tradução difere do contexto de produção do original nos EUA.

Ao considerar que as línguas e suas variedades são intrinsecamente relacionadas à cultura e, portanto, uma equivalência entre elas na tradução não seria possível, cabe aqui ressaltar o que afirma Sobral (2008) a esse respeito. Segundo ele,

[...] a impossibilidade de trabalhar estritamente com equivalências ocorre porque cada língua, ainda que tenha semelhanças com outras, difere delas porque surge e se desenvolve num dado contexto social e histórico que não tem equivalência em outros contextos (SOBRAL, 2008, p. 81)

Assim sendo, o autor considera que a correspondência pode ser compreendida como um processo no qual se buscam exprimir, na tradução, os efeitos de linguagem utilizados no original:

A ideia de correspondência implica assim que a tradução/interpretação exprime numa língua – nos termos específicos dessa língua – sentidos que foram expressos em outra língua – nos termos específicos dessa outra língua, o que implica alterações, ajustes, adaptações etc. Trata-se de um processo complexo em que é mais importante exprimir a atitude do usuário diante de outro usuário (o “espírito”), aquilo que um usuário quer dizer ao outro, do que traduzir as palavras em si (a “letra”), porque traduzir palavras ou textos de uma língua para outra sem considerar as diferentes condições sociais e históricas de seu uso pode levar justamente a não haver entendimento. (SOBRAL, 2008, p. 82)

A partir dessa ideia, o autor afirma que não há sentidos fixos em uma língua que sejam equivalentes a outros sentidos fixos em outra língua, sugerindo, então, que um caminho seria o de descobrir “correspondências entre maneiras de indicar em outra língua o tipo de compreensão e reação que o usuário de uma língua espera de quem vai entender o que ele exprime” (SOBRAL, 2008, p. 82). Portanto, caberia ao tradutor expressar o que é dito de uma dada maneira numa língua em outra, considerando a correspondência entre os modos de expressão dessas duas línguas. Assim, pode-se considerar a correspondência como uma forma de reconstruir os sentidos no processo da tradução.

Ao se considerarem as questões levantadas nos Estudos da Tradução a partir da “virada cultural” – as quais já foram discutidas no Capítulo II – e a concepção de língua aqui assumida, que a concebe como intrinsecamente relacionada à cultura e à sociedade, acredita-se ser possível, neste trabalho, retomar o conceito de correspondência, proposto por Sobral (2008), a partir de uma ressignificação à luz da variação linguística. Na medida em que a correspondência consiste, conforme explicitado nesta seção, na ideia de se buscarem recursos linguísticos que expressem os mesmos efeitos de sentido do original na tradução – considerando que os sistemas linguísticos envolvidos no processo tradutório são diferentes e estão inseridos em realidades únicas e específicas e negando a possibilidade de uma equivalência entre eles –, pode-se relacionar essa ideia aos pressupostos da abordagem sociolinguística quando se considera a língua como índice de identidade. A contribuição de tal ressignificação seria a de se expandir a ideia de correspondência para o tratamento das variedades linguísticas presentes em cada língua envolvida na tradução, pois – como já apontado na seção 2.3 do Capítulo II deste trabalho – pouco se tem discutido, no âmbito dos Estudos da Tradução, acerca do tratamento dado às variedades linguísticas presentes nas obras literárias. Assume-se, portanto, que seu uso se configura como marca de identidade da obra e que a não manutenção dos efeitos de sentido do uso de tal linguagem acarretaria uma modificação do caráter da obra.

Considera-se, por fim, que a prática tradutória, consciente dessas questões, resultaria na busca de variedades linguísticas da língua-alvo que poderiam reconstruir sentidos semelhantes àqueles presentes nas variedades que caracterizam a língua-fonte, tendo em vista que não se poderia obter uma equivalência estrita entre elas. Assim, o tradutor seria ético ao se posicionar de modo reflexivo no processo tradutório.

Desse modo, propõe-se que a associação dos pressupostos da abordagem sociolinguística ao conceito de correspondência faz-se adequada para a análise aqui proposta e para a compreensão das escolhas tradutórias presentes em *O Apanhador no Campo de Centeio* no que se refere às marcas de oralidade presentes no texto original. Além disso, a ressignificação aqui

proposta poderia, como se acredita, se estender a uma reflexão da prática tradutória de modo geral.

Com base nas questões apontadas e com o intuito de realizar a análise, houve a seleção de fragmentos que sejam representativos das questões até aqui levantadas quanto à linguagem apresentada na obra estudada. Nesse sentido, pretende-se analisar o tratamento dado a essa linguagem no processo tradutório no que se refere a marcas de oralidade, a saber: a) processos de redução fônica¹⁹; b) palavras de baixo calão; e c) expressões coloquiais.

Portanto, entende-se que, para observar os procedimentos tradutórios adotados na tradução da obra *The Catcher in the Rye*, objeto deste trabalho, assume-se, como metodologia de pesquisa, a análise qualitativa dos dados selecionados. Como destacam Ramos e Busnello (2005), a análise qualitativa não é traduzida em números, mas sim pretende verificar a relação da realidade com o objeto de estudo, obtendo várias interpretações de uma análise indutiva por parte do pesquisador. Assim sendo, a análise qualitativa busca descrever e compreender ao explorar os aspectos apresentados pelo objeto de estudo, considerando-se o contexto. Desse modo, é possível avaliar a existência ou o aparecimento de determinadas características, previstas ou não previstas em perspectiva, e, então, elaborar análises e chegar a certos resultados. Pretende-se, portanto, buscar novas percepções acerca do objeto de estudo e de suas possíveis interpretações. Assim, o objetivo deste capítulo será explorar as escolhas tradutórias nos trechos selecionados, os quais são representativos da linguagem coloquial presente na obra.

Para a realização da análise proposta, foram selecionados quinze trechos do texto original que serão cotejados com suas respectivas traduções. Espera-se, dessa forma, alcançar uma representatividade acerca da linguagem utilizada no original e de seu tratamento na tradução. Com isso, busca-se demonstrar, a partir dos trechos selecionados, as características da linguagem utilizada apontadas ao longo deste trabalho, a fim de se alcançar uma representatividade qualitativa. Tais características, que são objeto da análise

¹⁹ Existe uma tendência linguística que favorece a redução da carga sonora do item numa relação de proporcionalidade com o aumento de sua frequência de uso na fala. Segundo Bybee e Pagliuca (1985, p. 72), “à medida que os sentidos se generalizam e os domínios dos usos se expandem, a frequência aumenta e isso conduz automaticamente à redução fonológica e possível fusão”.

que será realizada na seção 3.2, consistem, como já destacado anteriormente, em: a) processos de redução fônica; b) palavras de baixo calão; e c) expressões coloquiais.

3.2. Análise da tradução da variedade linguística em *The Catcher in the Rye*

A tradução brasileira de *The Catcher in the Rye*, conforme já sinalizado no Capítulo I, procura transmitir na língua-alvo a linguagem adolescente e informal característica do narrador. Para tanto, emprega variantes linguísticas que transmitiriam tais marcas ao leitor, preservando a identidade da obra. Desse modo, neste capítulo, pretendem-se analisar as escolhas tradutórias acerca de processos de redução fônica, palavras de baixo calão e expressões coloquiais presentes na obra²⁰, a partir das diferenças socioculturais entre o contexto de produção do original e da tradução.

Para cumprir os objetivos propostos nesta seção, a análise recobrirá os recursos linguísticos destacados em itálico e em negrito, tanto no texto em língua inglesa quanto no texto em língua portuguesa.

I - Análise do fragmento 1

ORIGINAL	TRADUÇÃO
"(...) the first thing you'll probably want to know is where I was born, and what my <i>lousy</i> childhood was like, and how my	"(...) a primeira coisa que vão querer saber é onde eu nasci, como passei a <i>porcaria</i> da minha infância, o que meus pais

²⁰ Para a realização da análise das marcas de oralidade presentes no original, foram utilizados os seguintes dicionários de língua inglesa: dicionário Oxford (disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com>. Acesso em 09 de jan. de 2016) e dicionário Cambridge (disponível em: <http://dictionary.cambridge.org>. Acesso em 09 de jan. de 2016). Já para a análise da tradução, foram utilizados os seguintes dicionários de língua portuguesa: dicionário Michaelis (disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em 09 de jan. de 2016), Aurélio (disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com>. Acesso em 09 de jan. de 2016) e Priberam (disponível em: <https://www.priberam.pt>. Acesso em 09 de jan. de 2016).

parents were occupied and all before they had me, and all that David Copperfield kind of crap (...)” (p.3)	faziam antes que eu nascesse, e toda essa lengalenga tipo David Copperfield(...)” (p.7)
---	--

Neste fragmento, pode-se observar o uso das palavras de baixo calão *lousy* e *crap* no texto original.

De acordo com definição do dicionário Oxford, o vocábulo *lousy* é descrito como “informal for very poor or bad; disgusting” (“informal para muito pobre ou ruim; desagradável”). Já segundo o dicionário Cambridge, o vocábulo *lousy* é descrito como “informal for very bad” (“informal para muito ruim”). O recurso utilizado para a tradução de *lousy*, *porcaria*, é definido pelo dicionário Aurélio como: “[...] 2. Coisa malfeita; 3. Termo obsceno e torpe; 4. Aquilo que não tem qualidade [...] e 6. Que não tem qualidade”. Por sua vez, no dicionário Michaelis, *porcaria* é descrito como: “[...] 3. Obscenidade, palavrão; 4. Coisa malfeita”.

Em definição do dicionário Cambridge, o vocábulo *crap* é considerado “very informal and offensive” (“muito informal e ofensivo”), sendo “a very impolite word for something that you think is wrong or bad” (“palavra grosseira para algo que você acha que é errado ou ruim”). Já no dicionário Oxford, *crap* é definido como “vulgar slang” (“gíria vulgar”) e “something of extremely poor quality” (“algo de baixíssima qualidade”). Na língua portuguesa, o dicionário Michaelis define *lengalenga* como “narrativa enfadonha e monótona”. Por sua vez, para o dicionário Aurélio, o vocábulo teria como significado “narração ou fala extensa e fastidiosa”.

A partir das escolhas de tais vocábulos para a tradução dos recursos linguísticos utilizados no texto original, é possível observar uma preocupação dos tradutores com a manutenção da informalidade que o uso de tais recursos expressa. Nesse caso, é possível afirmar que houve correspondência na tradução dos termos, visto que as escolhas tradutórias aqui analisadas demonstram uma consciência acerca do valor social e identitário dos recursos

linguísticos utilizados na obra. Pode-se observar que as escolhas tradutórias foram guiadas pela preocupação com a manutenção dos efeitos de sentido de tais recursos na língua de partida. Em ambos os casos, observa-se o tom de irritação da personagem ao utilizar termos informais e ofensivos para se expressar. Ainda que na língua portuguesa não tenham sido utilizados vocábulos com o mesmo grau de informalidade (de baixo calão), as escolhas tradutórias conseguem transmitir tal efeito de sentido. Portanto, ao se considerar o valor social dos termos empregados na tradução, percebe-se que os tradutores buscaram uma correspondência no que concerne ao tom de informalidade presente no original.

Considerando especificamente os termos analisados, pode-se dizer que a tradução de *lousy* teria um peso aproximado ao valor social presente em inglês. Por sua vez, a tradução da expressão *kind of crap* por *lengalenga* – ainda que o vocábulo do português não tenha o mesmo peso ofensivo do original – evoca o contexto da narrativa monótona que a personagem busca evitar, já que, nesse momento, se refere à sua biografia. Nesse sentido, pode-se dizer que os tradutores, embora não tenham realizado uma tradução literal, buscaram, de forma correspondente, expressar a ideia de morosidade que a expressão *kind of crap* evoca no contexto em que está presente no original.

II - Análise do fragmento 2

ORIGINAL	TRADUÇÃO
“(...) that stuff bores me, and in the second place, my parents would have about <i>two hemorrhages</i> apiece if I told anything pretty personal about them.” (p.3)	“(...)esse negócio me chateia e, além disso, meus pais teriam um troço se eu contasse qualquer coisa íntima sobre eles.” (p.7)

No fragmento acima, pode-se observar o uso das expressões coloquiais *stuff* e *two hemorrhages apiece*.

De acordo com definição do dicionário Oxford, *stuff* é descrito como: “1. Matter, material, articles, or activities of a specified or indeterminate kind that are being referred to, indicated, or implied” (materiais, artigos ou atividades de um tipo especificado ou indeterminado que estão sendo referidos, indicados, ou insinuados). Já no dicionário Cambridge, o vocábulo é descrito como: “informal used to mean a substance or a group of things, ideas, actions, etc., without saying exactly what they are” (informal, usado para significar uma substância ou grupo de coisas, ideias, ações, etc., sem dizer exatamente o que são).

O vocábulo *negócio* – utilizado como tradução para *stuff* na língua portuguesa – é definido pelo dicionário Priberam como: “Informal para qualquer objeto, fato ou acontecimento cujo nome não se sabe ou não se quer mencionar”. Já no dicionário Michaelis, *negócio* é descrito como: “[...] 7. Qualquer coisa cujo nome não ocorre no momento”.

O sentido literal de *hemorrhage*, segundo dicionário Oxford, é definido como: “An escape of blood from a ruptured blood vessel, especially when profuse” (uma perda de sangue de um vaso sanguíneo rompido, especialmente quando profusa). Já pelo dicionário Cambridge, é descrito como: “to lose a large amount of blood in a short time” (perder uma grande quantidade de sangue em pouco tempo). A expressão *ter um troço* é definida pelo dicionário Priberam como: “1. [Informal] Doença ligeira, repentina ou sem causa conhecida”. Já no Dicionário Informal é descrita como: “[...] 2. Usado para definir mal estar diante de algo que uma situação adversa”.

A tradução de *stuff* por *negócio* demonstra uma preservação do tom vago de indefinição presente no original, tendo efeito de sentido similar. Também é mantido o grau de informalidade, visto que ambos os termos são característicos de contextos informais. Assim, pode-se dizer que ocorre correspondência entre eles.

A expressão *two hemorrhages apiece*, da forma como é utilizada na obra, pode ser considerada um recurso utilizado na língua inglesa para exagerar os acontecimentos, comparando com acontecimentos fora da realidade, visando a atribuir um tom de informalidade ou sarcasmo. Tal uso

pode ser definido como uma figura de linguagem. Em descrição do dicionário Literary Terms²¹, tal uso poderia ser classificado como *hyperbole*, recurso definido como “an exaggeration which is obvious, extreme, and intentional. Hyperbole is used in order to stir up a strong emotion or response in the reader. It is important to note, though, that hyperbole should not be taken literally. Rather, it is used to emphasize a certain statement or characteristic” (“um exagero que é óbvio, extremo e intencional. A hipérbole é utilizada a fim de provocar uma resposta forte ou emoção no leitor. É importante notar, porém, que a hipérbole não deve ser tomada literalmente. Pelo contrário, ela é usada para enfatizar uma certa afirmação ou característica”). Ao considerar essa questão, deve-se pontuar que, apesar de no inglês se tratar de uma figura de linguagem, no português a expressão utilizada para a tradução se trata de uma expressão idiomática, também informal. Nesse sentido, pode-se afirmar que a expressão empregada em português para traduzir a expressão em inglês – *dar um troço* – é correspondente na medida em que, de maneira informal, mantém o sentido de "mal estar repentino".

III - Análise do fragmento 3

ORIGINAL	TRADUÇÃO
<p>-“They’re quite touchy about everything like that, especially my father. They’re nice and all – I’m not saying that- but they’re also touchy as hell.</p> <p>Besides, I’m not going to tell you my whole goddam autobiography or anything.” (p.3)</p>	<p>“São <i>um</i> bocado sensíveis a esse tipo de coisa, principalmente meu pai. Não é que eles sejam ruins - não é isso que estou dizendo - mas são sensíveis pra burro. E, afinal de contas, não vou contar toda a droga da minha autobiografia nem nada.” (p.7)</p>

²¹ Disponível em: <http://literaryterms.net>. Acesso em 21 jan. 2016.

No presente fragmento, pode-se observar o uso da expressão coloquial *as hell* e do vocábulo de baixo calão *goddam*.

A expressão *like hell*, que pode ser entendida como similar a *as hell* é definida pelo dicionário Oxford como: “informal, used for emphasis” (informal, usada para ênfase). Já no dicionário Cambridge, é descrita como: “informal, very much” (informal, muito). A expressão utilizada para a tradução de *like hell*, *pra burro*, é definida pelo dicionário Aurélio como: “[...] 22. Pra burro: em grande quantidade ou em alto grau”. Já o dicionário Michaelis a descreve como: “[...] gír.: em grande quantidade; muito, em demasia”.

O vocábulo *goddam* é definido pelo dicionário Cambridge como: “very informal exclamation, adjective or adverb used to add emphasis to what is being said” (exclamação, adjetivo ou advérbio muito informal usado para dar ênfase ao que está sendo dito). Já no dicionário Oxford, é descrito como: “informal, used for emphasis, especially to express anger or frustration” (informal, utilizado para dar ênfase, especialmente para expressar raiva ou frustração).

Na língua portuguesa, *droga* – utilizado como tradução para *goddam* – é definido no dicionário Michaelis como: “[...] 2. Gíria: Coisa ruim, imprestável, exclamação que exprime frustração no que se está fazendo”. Já o dicionário Aurélio define o vocábulo como: “6. Coisa de pouca utilidade ou cuja aplicação se desconhece; 7. Coisa sem qualidade [...] 9. Exclamação para exprimir desagrado”.

Pode-se afirmar que a tradução de *as hell* para a expressão *pra burro* em língua portuguesa estabelece correspondência na medida em que transmite o efeito de sentido de ênfase e, simultaneamente, mantém o uso de uma variedade não-padrão, reconstruindo, no texto-alvo, o caráter informal presente no texto-fonte. Já a tradução *droga* para o vocábulo *goddam* mantém o efeito de sentido apesar de não ter o mesmo grau de baixo calão expressado em língua inglesa, ao se considerar o valor sócio-identitário desse vocábulo em contexto informal em língua portuguesa. Assim, pode-se dizer que, apesar da diferença apontada entre os recursos linguísticos, uma correspondência entre eles é estabelecida. Verifica-se, portanto, que os tradutores buscam privilegiar, em ambos os casos, o sentido que deve ser transmitido ao leitor da tradução.

IV - Análise do fragmento 4

ORIGINAL	TRADUÇÃO
-“No reason. Boy, I can’t stand that sonuvabitch . He’s one sonuvabitch I really can’t stand.” (p.28)	“Por nada. Rapaz, eu não suporto aquele filho da puta . Se há um filho da puta que eu não suporto, é ele.” (p.28)

Neste fragmento, ocorre o uso da expressão de baixo calão *son of a bitch* através da redução fônica *sonuvabitch*.

O dicionário Cambridge define *son of a bitch* como: “offensive, an unpleasant man” (ofensivo, um homem desagradável). Já o dicionário Oxford descreve como: “informal, used as a general term of contempt or abuse” (informal, usado como um termo geral de desprezo ou de abuso).

Em relação à língua portuguesa, os dicionários Priberam e Aurélio oferecem a mesma definição para a expressão *filho da puta*, empregada como tradução de *son of a bitch*: “filho da mãe (Informal, depreciativo), pessoa que se considera muito desprezível ou sem caráter; filho da puta (tabuísmo, depreciativo), o mesmo que filho da mãe.

Pode-se dizer que ocorre correspondência, pois o recurso linguístico utilizado na tradução tem peso similar de ofensa ao se considerar o valor social do recurso linguístico utilizado no original, já que transmite o mesmo efeito de sentido ao leitor do texto-alvo. Cabe pontuar que, em língua inglesa, a redução fônica utilizada busca demonstrar uma característica de oralidade, recurso que não é mantido em língua portuguesa. Pode-se dizer, no entanto, que, apesar de não haver uso de redução fônica na tradução, este fator não prejudica a reconstrução do efeito de sentido da expressão de baixo calão.

V – Análise do fragmento 5

ORIGINAL	TRADUÇÃO
“Something like that – a guy getting hit on the head with a rock <i>or something</i> – tickled the pants off Ackley.” (p.27)	“Bastava acontecer uma coisa dessas - um sujeito levar uma pedrada na cabeça ou coisa que o valha - que o Ackley se mijava de tanto rir. ” (p.27-28)

No fragmento aqui analisado, observa-se o uso da expressão idiomática *tickle the pants off*.

No dicionário WordReference²², o verbo *tickle* é definido como: “[...] 4. to excite amusement in; [...] 3. to delight or entertain [...]” (“4. provocar entretenimento; 3. causar deleite ou entretenimento”).

O dicionário Aurélio define o verbo *rir* como: “[...] 2. Fazer troça de ou gozar com; 3. Achar graça; 4. Manifestar o riso; 5. Mostrar alegria ou divertimento.

É possível analisar, tanto a expressão em inglês quanto em português, através do conceito de hipérbole, já apresentado neste trabalho na análise do fragmento 2. Em ambos os casos, há um exagero proposital por parte do falante para dar ênfase ao acontecimento de maneira informal. Desse modo, pode-se dizer que os tradutores buscaram, na língua portuguesa, uma expressão que estabelece correspondência com aquela do texto original, na medida em que transmite o sentido presente no texto-fonte – deleite, entretenimento, riso.

²² Disponível em <http://www.wordreference.com>. Acesso em 30 jan. 2016.

VI – Análise do fragmento 6

ORIGINAL	TRADUÇÃO
“ God damn it. I’m old enough to be your lousy father.” (p.29)	“ Que merda! Com a idade que eu tenho podia ser a porcaria do teu pai.” (p.29)

No presente fragmento, são utilizados os recursos linguísticos informais *God damn it* e *lousy*.

A expressão *God damn it* é descrita pelo dicionário Oxford como: “expressing anger, despair, frustration etc. Now also used occasionally in positive contexts to express approval or surprise” (expressar raiva, desespero, frustração etc. Agora também usado ocasionalmente em contextos positivos para expressar aprovação ou surpresa). Já no dicionário Macmillan²³, é definida como: “informal, used when you are angry or annoyed. Some people consider this word offensive” (usado quando se está irritado ou aborrecido. Algumas pessoas consideram esta palavra ofensiva). O vocábulo *merda*, utilizado na tradução de *God damn it*, é definido pelo dicionário Michaelis como: “[...] interj. Indica repulsão ou desprezo”. No dicionário Aurélio, é descrito como: “[...] 6. Designativo de repulsão”.

O vocábulo *lousy*, neste contexto, mantém o mesmo sentido daquele definido na análise do fragmento 1. Sua tradução também é mantida, sendo utilizado novamente pelos tradutores o recurso linguístico *porcaria*, também definido nessa mesma análise, o que revela uma coerência nas escolhas tradutórias realizadas.

Com relação à tradução da expressão *God damn it*, pode-se observar que há correspondência na medida em que a tradução transpõe seu sentido para o texto-alvo ao se considerar que o seu efeito se mantém similar quando se considera o contexto da fala do personagem. Também é preservado o uso

²³ Disponível em: <http://www.macmillandictionary.com> Acesso em 21 jan. 2016.

de interjeição para expressar a irritação da personagem. Assim, pode-se dizer que não apenas se transmite o tom de informalidade, como se mantém também o sentido. Dessa forma, é possível afirmar que os tradutores buscaram privilegiar o caráter informal da linguagem utilizada em detrimento de uma tradução literal, que não seria capaz de expressar o efeito de sentido da expressão de língua inglesa, causando estranheza ao leitor do texto-alvo e perda do significado expressado no original. Verifica-se, portanto, que foram considerados, no processo tradutório, o valor social da interjeição em língua inglesa.

VII – Análise do fragmento 7

ORIGINAL	TRADUÇÃO
“ Boy , I rang that doorbell fast when I got to old Spencer’s house.” (p.8)	“Quando cheguei na casa do velho Spencer toquei a campainha pra valer .” (p.10)

Neste fragmento, observa-se o uso da interjeição *boy*.

O recurso linguístico *boy* é definido pelo dicionário Oxford como: “informal, used to express strong feelings, especially of excitement or admiration” (usada para expressar sentimentos fortes, especialmente de empolgação ou admiração). Já a expressão em língua portuguesa *pra valer* é descrita pelo dicionário Michaelis como: “A valer ou para valer: [...] a sério, deveras, sem brincadeira”.

Pode-se afirmar que ocorre correspondência entre os termos utilizados, pois a tradução transmite o sentido de ênfase expresso pelo uso da interjeição em língua inglesa. Os tradutores reconstroem o tom de informalidade através da recusa da tradução literal de *boy* ao buscarem uma expressão em língua portuguesa que provoque efeito de sentido similar àquele causado no texto-fonte, já que, mesmo no original, esse vocábulo não deve ter uma interpretação literal no contexto em que é utilizado. Nesse sentido, verifica-se que a escolha tradutória aqui analisada revela uma consciência por parte dos tradutores

acerca da linguagem em seu contexto de uso, do seu valor social presente no original e da reconstrução de um efeito de sentido similar na tradução.

VIII – Análise do fragmento 8

ORIGINAL	TRADUÇÃO
“Game, <i>my ass</i> . Some game. If you get on the side where all the <i>hot-shots</i> are, then it’s a game, all right – I’ll admit that. But if you get on the other side, where there aren’t any <i>hot-shots</i> , then what’s a game about it? Nothing, no game.” (p.11)	“Jogo <i>uma ova</i> . Bom jogo esse. Se a gente está do lado dos <i>bacanas</i> , aí sim, é um jogo - concordo plenamente. Mas se a gente está do outro lado, onde não tem nenhum <i>coirão</i> , então que jogo é esse? Qual jogo, qual nada.” (p.14)

No presente fragmento, são utilizadas as expressões *my ass* e *hot-shots*.

Na definição do dicionário Cambridge, *hot-shot* é descrita como: “an expert or someone who is very successful in their job, especially someone young, informal” (um expert ou alguém que é muito bem sucedido em seu trabalho, especialmente alguém jovem, informal). No dicionário Oxford, a expressão é definida como: “informal, an important or exceptionally able person” (informal, uma pessoa importante ou excepcionalmente capaz).

Na língua portuguesa, o tradutor utiliza dois diferentes recursos para a tradução de *hot-shot*, a saber: *bacanas* e *coirão*. De acordo com o dicionário Aurélio, o primeiro termo utilizado, *bacana*, é definido como: “1. Que agrada ou denota qualidades positivas”. Já no dicionário Michaelis, é descrito como: “[...] 2. Bom, excelente [...] 4. Notável”. O segundo termo utilizado para traduzir *hot-shot* é *coirão*, definido pelo Dicionário Informal²⁴ como: “Pessoa competente, perita em sua arte ou ofício”.

²⁴ Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 18 jan. 2016.

A expressão de baixo calão *my ass* é definida pelo dicionário Oxford como: “informal [...] 9. North American vulgar slang used to convey that one does not believe something that has just been said” (gíria vulgar norte americana utilizada para transmitir que não se acredita em algo que acabou de ser dito).

Já na língua portuguesa, a expressão *uma ova*, utilizada para traduzir a expressão *my ass*, é definida pelo dicionário Michaelis como: “exclamação de incredulidade, repulsa, protesto, contradita, violência”. Por sua vez, no dicionário Aurélio, é descrita como: “interjeição usada para negar o que foi afirmado imediatamente antes”.

No que se refere à tradução de *my ass*, é possível afirmar que o recurso linguístico escolhido pelos tradutores transmite o tom de informalidade e o tom de irritação que caracterizam a fala da personagem no texto-fonte. Nesse sentido, pode-se dizer que há correspondência entre os termos presentes no original e na tradução. Verifica-se que o tom de irritação presente na fala da personagem é reconstruído no texto-alvo através da escolha da expressão *uma ova*, ao se considerar o valor social que essa expressão possui em contexto informal da língua portuguesa. Pode-se dizer que o uso de tal expressão transmite o grau de informalidade presente no texto-fonte, ao se considerar seu contexto de uso e ao se buscar exprimir, no texto-alvo, seus efeitos de sentido.

Com relação às traduções de *hot-shots*, pode-se dizer que revelam uma busca por parte dos tradutores por recursos linguísticos característicos de uma linguagem coloquial em língua portuguesa para expressar o caráter informal expresso pelo recurso linguístico utilizado em língua inglesa. É possível verificar uma coerência acerca das escolhas realizadas pelos autores, pois, ainda que tenham escolhido dois diferentes recursos linguísticos para traduzir uma só expressão, ambos são capazes de expressar o sentido presente em língua inglesa, além de preservarem o tom de informalidade, visto que possuem significados similares. Acredita-se que a opção por dois diferentes vocábulos, nesse contexto, tenha se dado com o objetivo de se evitar uma repetição em língua portuguesa. Assim, acredita-se que as escolhas tradutórias presentes neste fragmento estabelecem correspondência com os termos

presentes no texto original, pois não alteram o caráter identitário da fala da personagem.

IX – Análise do fragmento 9

ORIGINAL	TRADUÇÃO
“On the subway, for Chrissake! Ya lost them, ya mean? ” (p.24)	“No metrô, essa é boa! Quer dizer que você perdeu tudo?” (p.25)

Neste fragmento, observa-se o uso da expressão *for Christ's sake* e das reduções fônicas *Chrissake* e *Ya*.

A expressão *for Christ's sake* é definida pelo dicionário Cambridge como: “something you say when you are angry about something” (algo que você diz quando está com raiva de alguma coisa). Já o dicionário Oxford descreve a expressão como: “used to express impatience, annoyance, urgency, or desperation” (usado para expressar a impaciência, irritação, urgência, ou desespero). A expressão *essa é boa*, utilizada como tradução de *for Christ's sake*, é definida pelo dicionário Aurélio como: “1. Situação, episódio ou coisa considerada positiva ou irônica; [...] 3. Expressão designativa de aprovação, admiração ou ironia”.

Pode-se dizer, a partir das definições aqui descritas, que a expressão utilizada na tradução tem efeito de sentido aproximado daquela presente no texto original, visto que ambas podem expressar uma reação negativa acerca de uma notícia ou acontecimento, como demonstrado no contexto de fala da personagem. Cabe pontuar que, tanto na língua-fonte quanto na língua-alvo, os recursos linguísticos aqui analisados são utilizados em contextos informais. Portanto, ainda que os tradutores não tenham optado por uma tradução convencionalizada de *for Christ's sake*, pode-se afirmar que a correspondência entre os efeitos de sentido transmitidos por essas expressões se estabelece, exprimindo para o leitor do texto-alvo, dessa forma, o caráter da fala da personagem presente no texto-fonte.

Faz-se relevante apontar que o uso de redução fônica presente em *Chrissake* e *Ya* não foi recuperado em língua inglesa. No entanto, pode-se dizer, ao se observar a linguagem utilizada na tradução, que não se perde o tom de informalidade presente no original de forma determinante, conforme demonstrado.

X – Análise do fragmento 10

ORIGINAL	TRADUÇÃO
<p>“Think they’ll make ya pay for ‘em? – I don’t know, and I don’t give a damn” (p.24)</p>	<p>“- E você acha que vão te fazer pagar o equipamento? - Sei lá, e estou pouco ligando.” (p.25)</p>

No presente fragmento, destacam-se o uso da expressão *don’t give a damn* e das reduções fônicas *ya* e *‘em*.

A expressão *don’t give a damn* é definida pelo dicionário Oxford como: “informal, not care at all” (informal, não dar a mínima). Já o dicionário Cambridge a descreve como: “informal, to not be interested in or worried about someone or something” (informal, não estar interessado ou não se importar com alguém ou algo). Em língua portuguesa, o verbo *ligar* é definido pelo Dicionário Informal como: “Dar bola; prestar atenção”. De acordo com essa descrição, a expressão *pouco ligar* pode ser interpretada como “não se importar”.

É possível afirmar, com base nas definições aqui descritas, que se estabelece uma correspondência entre a expressão utilizada em língua inglesa e sua tradução, já que o efeito de sentido é mantido, assim como o tom de informalidade que se exprime ao transmitir tal efeito. Desse modo, pode-se dizer que o caráter coloquial da linguagem presente no original é reconstruído na tradução, de forma que, ao se considerar tal linguagem como marca de identidade da obra, entende-se que esta não se perde no processo tradutório,

revelando uma consciência dos tradutores acerca dos impactos de suas escolhas tradutórias no contexto do leitor do texto-alvo.

Como já apontado anteriormente na análise do fragmento 9, a redução fônica não é utilizada na tradução, e, novamente, a não manutenção desse recurso não prejudica, de forma determinante, o tom de informalidade transmitido na tradução. Nesse caso, considera-se que os tradutores, ao optarem por não fazer uso de tal recurso de forma sistemática, foram coerentes ao manterem a mesma postura durante a tradução de modo geral.

XI – Análise do fragmento 11

ORIGINAL	TRADUÇÃO
-“What <i>the helly</i> reading? – <i>Goddam</i> book” (p.25)	“-O que é que você está lendo? - Uma <i>droga</i> dum livro.” (p.25)

Neste fragmento, destacam-se o uso da expressão *the hell* e da palavra de baixo calão *goddam*. Observa-se também o uso da redução fônica *helly*.

A expressão *the hell* é definida pelo dicionário Cambridge como: “informal, used to emphasize something in a rude or angry way” (informal, usada para enfatizar algo de uma maneira rude ou com raiva). Já no dicionário Oxford, é descrita como: “informal for expressing anger, contempt, or disbelief” (informal para expressar raiva, desprezo ou descrença).

Observa-se, no contexto deste fragmento, que a expressão de ênfase utilizada no texto original passa por um processo diferenciado na tradução. Pode-se dizer que o texto traduzido transmite um tom de informalidade na medida em que se utiliza de uma estrutura simples e de vocábulos não complexos, o que caracteriza um contexto de uso da linguagem coloquial em língua portuguesa. Assim, deve-se pontuar que o sentido de ênfase presente no texto-fonte não é transmitido da mesma forma que foi utilizado na fala da personagem no contexto da obra. A estrutura de pergunta utilizada na

tradução, *o que é que* é utilizada em língua portuguesa como uma forma alternativa à forma mais simplificada *o que*, mas não se pode afirmar que ambas expressem o mesmo tom, já que, no primeiro caso, se evoca um tom mais enfático que na segunda, normalmente utilizada em contextos informais de fala. Assim, é suprimida a tradução literal da expressão em língua inglesa, buscando uma reconstrução de sentido na língua-alvo, o que caracteriza uma correspondência.

O vocábulo *goddam*, definido anteriormente na análise do fragmento 3, mantém o mesmo sentido utilizado naquele contexto. Sua tradução, *droga*, também definida nessa análise, se mantém, revelando novamente uma coerência na medida em que os tradutores não modificaram o tratamento dado aos recursos linguísticos ao longo da tradução.

XII – Análise do fragmento 12

ORIGINAL	TRADUÇÃO
-“ <i>Who belongsa</i> this?” (p.26)	“De quem é isso?” (p.26)

No presente fragmento, destaca-se o uso da redução fônica *belongsa*. Como apontado na análise dos fragmentos 4, 9, 10 e 11, não foi posicionamento dos tradutores utilizar processos de redução fônica na tradução, havendo, assim, um apagamento desse recurso linguístico. No entanto, a linguagem utilizada na tradução deste trecho é de estrutura simples e típica de contextos informais em língua portuguesa. Ao se considerarem os efeitos de sentido e o tom de informalidade presentes na obra, pode-se afirmar que, ainda que não se tenha utilizado o mesmo recurso no processo tradutório, não se recuperando a redução fônica utilizada, um caráter informal da fala da personagem é reconstruído e transmitido ao leitor da tradução. Assim sendo, pode-se dizer que ocorre correspondência.

XIII – Análise do fragmento 13

ORIGINAL	TRADUÇÃO
-“Where the hellja get that?” (p.26)	- “Onde é que você arranhou esse chapéu?” (p.26)

Neste fragmento, observa-se o uso da expressão *the hell* e da redução fônica *hellja*.

A expressão *the hell*, conforme definição apresentada na análise do fragmento 11, é normalmente utilizada em língua inglesa para conferir sentido de ênfase em contextos informais. Na tradução deste trecho, assim como anteriormente pontuado, os tradutores optaram por não realizar uma tradução literal da expressão em língua inglesa, de forma coerente com o tratamento dado a outra ocorrência apontada neste trabalho, não alterando seu posicionamento. Os autores utilizam, no contexto deste trecho, o mesmo recurso descrito no contexto do fragmento 11, *o que é que*, que, sendo utilizado em contextos mais coloquiais, evoca um sentido de ênfase que não se faz presente no uso da forma mais direta *o que*. Assim sendo, pode-se afirmar que o caráter informal da fala da personagem é reconstruído na tradução, havendo, assim, uma correspondência.

XIV – Análise do fragmento 14

ORIGINAL	TRADUÇÃO
“It made a big clunk , and it hurt like hell .” (p.27)	- “Fez um barulho tremendo e doeu pra chuchu .” (p.27)

Neste fragmento, destaca-se o uso das expressões coloquiais *clunk* e *like hell*.

A expressão *like hell* é definida pelo dicionário Oxford como: “informal, used for emphasis” (informal, usada para ênfase). Já no dicionário Cambridge, é descrita como: “informal, very much” (informal, muito). A tradução

utilizada para *like hell, pra chuchu*, é definida pelo dicionário Michaelis como: “pop.: muito, em grande quantidade”. No dicionário Priberam, a expressão é descrita como: “informal; [...] muito”.

O vocábulo *clunk* é definido pelo dicionário Oxford como: “A heavy, dull sound such as that made by thick pieces of metal striking together” (um som pesado, maçante, como o produzido por grossos pedaços de metais colidindo). Já o dicionário Cambridge descreve *clunk* como: “a deep low sound made by two heavy objects hitting each other” (um som baixo e profundo feito por dois objetos pesados colidindo). Segundo definição do dicionário Michaelis, *tremendo* é descrito como: “[...] 2. Grande, excessivo”. Já no dicionário Aurélio, é possível encontrar a seguinte definição: “[...] 2. Espantoso, extraordinário”.

Pode-se dizer que a tradução *barulho tremendo* causa ao leitor do texto-alvo efeito de sentido similar àquele causado por *clunk* ao leitor do texto-fonte, na medida em que transmite a ideia de um grande barulho. Cabe também pontuar que a correspondência se estabelece entre o recurso linguístico presente no original e a tradução na medida em que se mantém o tom informal expresso pela personagem.

Com relação à tradução de *like hell*, pode-se afirmar que a escolha tradutória estabelece correspondência com a expressão presente no texto-fonte, visto que reconstrói um sentido de uma dor muito grande de maneira informal, como expresso no original. Desse modo, se privilegia a transmissão do efeito de sentido, e não uma tradução literal, ao se buscar uma expressão que tenha valor social similar a *like hell*.

XV – Análise do fragmento 15

ORIGINAL	TRADUÇÃO
-“Suppose, for instance, Stradlater was wearing a tie or something that you liked. Say he had a tie on that you liked a helluva lot ” (p.29)	- “Olha, se ele estiver usando uma gravata e a gente disser que gosta dela, por exemplo... Digamos que ele esteja usando uma gravata que você achou um bocado bonita.” (p.29)

Neste fragmento, observa-se o uso da expressão coloquial *hell of a lot* e da redução fônica *helluva lot*.

Em definição do dicionário Oxford, a expressão é descrita como: “informal; used to emphasize something very bad or great” (usado para enfatizar algo muito ruim ou muito bom). A tradução *um bocado* é definida pelo Dicionário Informal como: 1. Bastante; demasiado.

De acordo com essas definições, pode-se afirmar que o recurso linguístico escolhido para traduzir a expressão *hell of a lot* transmite o sentido de ênfase presente no texto original e mantém o uso de uma expressão coloquial. Assim sendo, pode-se afirmar que há uma correspondência entre os efeitos de sentido estabelecidos no original e na tradução. Cabe ressaltar que, assim como apontado na análise de fragmentos anteriores, não houve uso de redução fônica em língua portuguesa, o que revela um posicionamento coerente por parte dos tradutores, já que não alteram o tratamento dado a ocorrências como essa ao longo do texto. Pode-se dizer que o apagamento da redução fônica não prejudica de forma crucial o tom informal transmitido ao leitor do texto-alvo, visto que o sentido presente no original é reconstruído na tradução.

3.3. Conclusões

Neste Capítulo, propôs-se a análise de fragmentos da obra *The Catcher in The Rye* em comparação com suas respectivas traduções para o português brasileiro em *O Apanhador no Campo de Centeio*.

Considera-se, a partir da análise realizada com base nos fragmentos selecionados, que os recursos linguísticos utilizados para traduzir as marcas de oralidade presentes no texto original se fazem pertinentes para a manutenção da identidade da obra, na medida em que se busca uma correspondência (SOBRAL, 2008) com marcas de oralidade do português brasileiro. Com relação à linguagem utilizada em sua tradução, Dauster afirma que:

Uma das características mais notáveis de Salinger é seu ouvido para os diálogos, para a língua falada particularmente pelos jovens. O livro na verdade parece constituir um depoimento oral que Holden faz numa casa de repouso após sua “crise” ao ser expulso do colégio. Assim, o coloquialismo é vital para caracterizar o personagem e sua forma de relatar os eventos, e teria sido criminoso eliminar tal elemento na versão para o português. Por exemplo, na minha última revisão do texto, creio que consegui garantir que a única conjunção adversativa fosse “mas”, pois não vejo o adolescente que, no linguajar cotidiano, se saia com um “contudo”, um “porém” ou um “todavia”. São esses pormenores que criam o clima de informalidade exigido pelo contexto. (Entrevista com Jório Dauster – Anexo)

Assim, pode-se ratificar a ideia de uma preocupação por parte dos tradutores no sentido de se preservar o caráter da obra como defendido neste trabalho, na medida em que se admite que a eliminação do uso das marcas de oralidade, que constituem elemento crucial para a identidade, modificaria os efeitos de sentido para o leitor da tradução. Pode-se dizer, portanto, que houve correspondência (SOBRAL, 2008), uma vez que os recursos linguísticos utilizados na tradução majoritariamente demonstram uma preocupação, por parte dos tradutores, com o valor social e identitário da variedade linguística utilizada no texto original.

Cabe ressaltar que não foram utilizados paratextos na tradução brasileira analisada, o que poderia dar ao leitor a dimensão do trabalho realizado pelos tradutores. Como sugere Soares (2012, p. 111), através do uso de paratextos, é possível proporcionar ao leitor “o reconhecimento/esclarecimento da alteridade do texto e a percepção da visibilidade do próprio profissional da área tradução”.

É possível observar, a partir da concepção de língua assumida neste trabalho, que as escolhas tradutórias presentes na tradução brasileira revelam uma preservação da identidade da obra, uma vez que buscam demonstrar os mesmos efeitos de sentido da linguagem utilizada no original, ao se considerar a língua como índice de identidade de seus falantes, o valor sócio-identitário do uso das variedades linguísticas e como tal uso se estabelece como marca identitária de uma obra literária, tendo em vista os impactos socioculturais do tratamento dado a esses fatores no processo tradutório.

Cabe apontar que, apesar de serem detectados alguns processos de apagamento de reduções fônicas ou expressões de ênfase, tais processos não prejudicam, de forma determinante, a reconstrução do caráter informal da linguagem na tradução, de forma que, de modo geral, pode-se dizer que se estabelece uma correspondência entre a linguagem do texto-fonte e a linguagem do texto-alvo. Assim, pode-se considerar que a identidade da obra não se perde no processo tradutório.

Considera-se, a partir dos pressupostos teóricos expostos no Capítulo II e da análise realizada, que *O Apanhador no Campo de Centeio* assume uma postura ética no tratamento da linguagem do original em língua portuguesa, visto que as escolhas tradutórias ali presentes fazem com que não se perca o caráter da obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das questões levantadas neste trabalho, é possível estabelecer uma relação entre língua e cultura que não deve ser ignorada no momento da tradução. Nesse contexto, ao se considerarem os pressupostos da abordagem sociolinguística, é impossível conceber a língua como dissociável de cultura. Assim, a realização de uma tradução deve se pautar na reflexão acerca dos impactos socioculturais do tratamento que é dado à linguagem utilizada no texto-alvo. Desse modo, buscou-se aqui analisar os recursos linguísticos utilizados para traduzir as marcas de oralidade presentes na narrativa em questão e seus efeitos de sentido, tendo em vista que a linguagem utilizada se firma enquanto marca de identidade da obra, considerando os contextos sócio-histórico-culturais de produção do texto original e da tradução.

Considera-se, a partir do conceito de correspondência proposto por Sobral (2008), que a tradução brasileira de *The Catcher in The Rye* pode ser vista como uma tradução que preserva a identidade da obra original, na medida em que busca recursos linguísticos que reproduzem os efeitos de sentido ali presentes. Não se considera, neste trabalho, que uma equivalência – nos termos de Nida (1964) e Catford (1980) – entre diferentes sistemas linguísticos seja possível. Assim, uma recuperação total dos recursos linguísticos do texto-fonte se faz inviável. No entanto, a partir da análise realizada, pode-se considerar *O Apanhador no Campo de Centeio* uma tradução ética, ao considerarmos uma ética do tradutor que se dê em uma perspectiva ampla, ao se ponderar que, consciente das complexidades que envolvem o processo tradutório, o tradutor faça suas escolhas a partir da consciência das especificidades das línguas envolvidas e das realidades únicas em que estão inseridas.

Cabe ressaltar que, como apontado ao longo deste trabalho, não existe um número expressivo de trabalhos publicados acerca das contribuições da abordagem sociolinguística para os Estudos da Tradução, assim como trabalhos que tenham a tradução brasileira da obra *The Catcher in The Rye* como objeto de estudo. Os trabalhos existentes, citados na seção 1.2. do

Capítulo I deste trabalho, já apontam a importância de se observar a linguagem utilizada e sua relação com seus respectivos contextos sócio-histórico-culturais.

Portanto, acredita-se que, na medida em que este trabalho procura aproximar os pressupostos teóricos da abordagem sociolinguística à área da tradução a partir do estudo da tradução brasileira da obra *The Catcher in The Rye*, é possível considerá-lo como uma contribuição para os estudos já realizados. A partir da análise realizada, se buscou, desse modo, ratificar o papel do tradutor como intermediador de culturas, sendo fundamental que, em sua prática, tenha consciência crítica acerca dos impactos sócio-culturais de suas escolhas tradutórias.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, J. L.; PAGLIUCA, W. Cross-linguistic comparison and the development of grammatical meaning. In: FISIÁK, J. (ed.) *Historical semantic and historical word formation*. Berlin: de Gruyter, 1985.
- CARVALHAL, T. F. *et al.* (org.) *Transcrições: Teoria e Práticas*. Porto Alegre: Evangraf, 2004.
- CATFORD, J.C. *Uma teoria linguística da tradução*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1980.
- COLPO, E. R. *As tessituras entre “O Apanhador no Campo de Centeio” e as intimidades do imaginário para a (auto)formação humana*. Dissertação de mestrado. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2012.
- COSERIU, E.. *Lições de linguística Geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1980.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. Tradução e sociolinguística Variacionista: a língua pode traduzir a sociedade?. *Revista tradução e Comunicação*, v.20, 2010.
- CUNHA LACERDA, P. F. A; SOARES, M. S.; GAMONAL, M. A. Rediscutindo a noção de equivalência linguística na tradução a partir da Sociolinguística Variacionista. *Revista Gatilho*. v.14, 2011.
- EVEN-ZOHAR, I. The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem, 1972. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge, 2000.
- FROTA, W. N.; SILVA, S. O. R. *J. D. Salinger: O Apanhador no Campo de Centeio e a plena Autonomia do Sistema / Campo Literário nos Estados Unidos*. n. 37. UFPI Estudos Anglo-Americanos, 2012.
- GIANI, G. M. G. *A tradução como diferença: um estudo sobre The Catcher in The Rye, O Apanhador no Campo de Centeio e Uma Agulha no Palheiro*. Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp, 1992.
- HOLMES, J.S. *The name and nature of translation studies*, 1972. In: VENUTI, L. (org) *The translation studies reader*. Londres, Routledge, 2000.
- KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F. *et al.* (org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2009 [1972].

LIMA, G. P. & QUEVEDO-CAMARGO, G. Breve trajetória da língua inglesa e do livro didático de inglês no Brasil. Anais do VI Seminário de Pesquisas em Ciências Humanas. Londrina, 2008.

LEFEVERE, A. (ed.) *Translation/History/Culture: a sourcebook*. London: Routledge, 1992.

MAAS, W. P. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. 12. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004 [1928].

MOLLICA, C. & BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MOLLICA, Cecília Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In.: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-14.

MOURA, J. P. S. *A tradução de The Catcher in The Rye: uma análise dos traços normativos em O Apanhador no Campo de Centeio*. Trabalho de Conclusão de Curso. Santos: Universidade Católica de Santos, 2007.

NEWMARK, Peter. *Approaches to translation*. Pearson Education, 1981.

NIDA, Eugene. *Toward a Science of Translating*. Netherlands: E. J. Brill, 1964.
OLIVEIRA, A. R. *Equivalência, Sinônimo de Divergência*. Cadernos de Tradução. n. 19. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

OLIVEIRA, M. C. C. Ética em Tradução, Frutos de Posturas Estéticas e Políticas. *Revista Sentidos dos Lugares*. Rio de Janeiro, 2005.

RAMOS, M. M. & BUSNELLO, S. *Manual Prático de Metodologia da Pesquisa: Artigo, Resenha, Projeto, TCC, Monografia, Dissertação e Tese*. Blumenau: Acadêmica, 2003.

SALERNO, S. & SHIELDS, D. *Salinger*. Tradução de Carlos Irineu da Costa *et al.* 1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

SALINGER, J. D. *O Apanhador no campo de Centeio*. Tradução de Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster. 19 ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor. 2014 [1945].

SALINGER, J. D. *The catcher in the Rye*. New York: Little, Brown and Company, 1945.

SCHLEIERMACHER, F. Sobre os diferentes métodos de tradução. Trad. Margarete von Mühlen Poll, 1813. In: HEIDERMAN, W. (org.). *Clássicos da*

teoria da Tradução: antologia bilíngue, v. I, alemão - português. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

SEIFFERT, A. S. *Debulhando o Campo de Centeio*: a invenção da teenage nos Estados Unidos do Pós-Segunda Guerra Mundial – Uma análise a partir de *The Catcher in The Rye*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UESC, 2014.

SOUSA, B. A. A linguagem em *The Catcher in The Rye*: um estudo comparativo de suas traduções para o português. *Anais do XVI CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012.

SOARES, M. S. *Rediscutindo a noção de equivalência linguística na tradução a partir da Sociolinguística Variacionista*: um estudo de caso na obra *Beloved*, de Toni Morrison. Trabalho de conclusão de curso. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

SOBRAL, A. *Dizer o 'Mesmo' a Outros*: ensaios sobre tradução. São Paulo: Special Books, 2008.

TARALLO, F. *A Pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. 2ed. London, New York: Routledge, 2008 [1995].

_____. *Escândalos da tradução*: por uma ética da diferença. Trad. Laureano Pelegrin *et al.* Bauru: EDUSC, 2002 [1998].

VERCEZE, R. M. A. N. Gerativismo: sua contribuição para a lingüística. *Revista Philologus*, ano 15, n. 43. Rio de Janeiro, jan/abr, 2009.

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press: 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

<http://www.oxforddictionaries.com> Acesso em 09/01/2016 - 19:44

<http://dictionary.cambridge.org> Acesso em 09 jan. 2016 – 19:46

<http://www.dicionariodoaurelio.com> Acesso em 09 jan. 2016 – 22:03

<http://michaelis.uol.com.br> Acesso em 09 jan. 2016 – 22:05

<https://www.priberam.pt> Acesso em 09 jan. 2016 – 22:06

<http://www.filologia.org.br> Acesso em 21 jan. 2016 - 22:37

<http://www.wordreference.com> Acesso em 30 jan. 2016 00:41

<http://www.macmillandictionary.com> Acesso em 21 jan. 2016.00:02

<http://literaryterms.net> Acesso em 21 jan. 2016. 20:00

ANEXO

Entrevista com Jório Dauster, tradutor de *The Catcher in the Rye*:

- 1- Como surgiu a iniciativa de realizar a tradução da obra "The Catcher in the Rye"? Por que os tradutores optaram por traduzir essa obra especificamente?

Li o Catcher em 1957 ao passar um ano nos Estados Unidos e, recém-saído da adolescência, me identifiquei em muitos aspectos, como outros milhões de jovens, pelo personagem principal, Holden Caulfield. Anos depois, já como diplomata, encontrei um velho amigo que cursava o Instituto Rio Branco, Álvaro Alencar, que também se revelou grande admirador do Salinger. A ideia de uma cotradução foi amadurecendo, regada por muitos chopes, até que soubemos que outro diplomata mais antigo do que nós, Antonio Rocha, também pensava em verter a obra. Daí nasceu, num caso raro de amor coletivo, o trabalho a seis mãos por pessoas que jamais tinham traduzido coisa alguma.

- 2- Como o senhor descreveria o contexto do processo de tradução e lançamento do livro? Como era o momento histórico e qual foi o papel da editora?

O processo de cotradução foi muito prazeroso porque o conduzimos de forma absolutamente informal, por puro diletantismo, sem ao menos contar com um contrato ou promessa de publicação. Terminada a primeira versão, meus colegas partiram para o exterior e fiquei no Brasil, durante um bom período sem trabalhar pois era considerado algo subversivo pelo regime militar. Foi quando me dediquei a rever minuciosamente o trabalho conjunto, ao longo de alguns meses, cuidando de homogeneizar a linguagem. Só depois levei o texto ao grande cronista Rubem Braga, que à época era um dos donos da Editora do Autor e nem sabia da existência de J.D. Salinger. Recebemos, os três tradutores, uma quantia insignificante, que, se não engano, mal dava para que cada um comprasse um par de sapatos. Amadorismo puro, tanto de nossa parte quanto das próprias editoras, que naqueles tempos longínquos não acompanhavam de perto os lançamentos em língua estrangeira, limitando-se à publicação dos velhos clássicos.

- 3- Houve contato com Salinger durante o processo tradutório? Se houve, ocorreu algum tipo de exigência por parte do autor do original?

Salinger, naquela altura, já se autointernara em New Cornish e era inatingível, mas nunca sentimos a necessidade de consultar o autor pois não havia problemas de interpretação no texto. Só procuramos contatá-lo quando sugerimos o título “A sentinela do abismo” e ele, através de sua agente, insistiu na versão literal – estranhíssima para nossos ouvidos – de “O apanhador no campo de centeio”. Na verdade, isso se deveu a algumas tradições atroztes do título em outras línguas, o que já comentei em artigos sobre o livro, mas talvez Salinger tivesse razão porque “pegou” definitivamente no Brasil a alcunha de “O apanhador”.

- 4- Como sabemos, uma das características marcantes do original, mantida na tradução, é a presença de uma linguagem coloquial. A iniciativa de manter o coloquialismo foi uma iniciativa dos próprios tradutores?

Uma das características mais notáveis de Salinger é seu ouvido para os diálogos, para a língua falada particularmente pelos jovens. O livro na verdade parece constituir um depoimento oral que Holden faz numa casa de repouso após sua “crise” ao ser expulso do colégio. Assim, o coloquialismo é vital para caracterizar o personagem e sua forma de relatar os eventos, e teria sido criminoso eliminar tal elemento na versão para o português. Por exemplo, na minha última revisão do texto, creio que consegui garantir que a única conjunção adversativa fosse “mas”, pois não vejo o adolescente que, no linguajar cotidiano, se saia com um “contudo”, um “porém” ou um “todavia”. São esses pormenores que criam o clima de informalidade exigido pelo contexto.

- 5- Como foi publicar a tradução no contexto da ditadura militar? Os tradutores sofreram algum tipo de censura por lidarem com uma linguagem coloquial, marcada, em muitos momentos, por termos de baixo calão?

O Catcher foi censurado duramente nos Estados Unidos pelo uso de palavras de baixo calão e certas situações que retrata, mas ali se vivia um período muito careta que só fazia confirmar a falsidade denunciada na obra de Salinger. Aqui no Brasil, acho que os esbirros da ditadura, preocupados em ouvir as canções do Chico, nem leram o livro...

- 6- No caso da manutenção das marcas de coloquialismo presentes no original, qual foi o papel de cada um dos três tradutores no processo tradutório?

Eu e o Álvaro éramos ambos cariocas e coetâneos. Álvaro Rocha era nordestino e um pouco mais velho. Essas diferenças de formação geraram

algumas (pequenas) discrepâncias de linguagem, que foram superadas naquilo que o próprio Rocha caracterizou como minha versão final para o “carioquês”.

- 7- Como sabemos, a língua muda com o passar do tempo. Entretanto, ao realizarmos hoje uma leitura da tradução brasileira de “The Catcher in the Rye”, observamos que os coloquialismos presentes ainda estão bastante atuais. A que você atribui essa característica?

Esse foi um problema desde o começo pois de fato o livro está repleto de gírias e expressões populares usadas no dia a dia. Nosso cuidado consistiu em procurar aquelas que nos pareciam mais sólidas, evitando as modas da hora. Por exemplo, o adjetivo “bacana” já estava bem consolidado e permanece vivo até hoje, mas no fundo terá sido uma questão de sorte porque em meio século a linguagem dá muitas voltas. Outro fator relevante pode ter sido o fato de que eram gírias usadas no Rio de Janeiro, que continuou a ser um centro difusor de cultura, o que dificilmente aconteceria se o texto contivesse alguns regionalismos.

- 8- Sabe-se que Holden representa o perfil do jovem americano da década de 1950, questionador dos valores do *American Way of Life*. Nesse sentido, você acredita que os tradutores conseguiram manter, através da tradução, esse espírito presente na obra? Ou, por outro lado, houve uma busca por um abasileiramento do contexto e da linguagem retratados no original?

Não acredito que Holden fosse um adolescente típico dos Estados Unidos da década de 1950 nem que questionasse os traços peculiares do *American way of life*. Na verdade, o personagem tem muito do próprio autor, que era um sofisticado representante da alta classe média de Nova York, morando na Park Avenue e bem distante dos valores fortemente convencionais da cultura então predominante. Pelo contrário, o impacto que a obra tem até hoje em todos os quadrantes do globo e ao longo de tantas décadas, traduzida para dezenas de idiomas, vem justamente do fato de que Holden representa a reação de quase todo adolescente às exigências do mundo adulto, com suas hipocrisias e limitações de toda ordem. Jamais passou por nossa cabeça, como tradutores, abasileirar o que entendíamos como um símbolo universal, apesar de suas preocupações com o destino dos patinhos do Central Park no inverno.